







IPHIGÊNIA  
TRAGÉDIA

DE  
JOÃO RACINE.

TRADUZIDA EM VERSO PORTUGUEZ, E OFFERECIDA COMO UMA PROVA DA MAIS SINCERA GRATIDÃO.

A O  
ILL.<sup>MO</sup> E EX.<sup>MO</sup> SENHOR  
CYPRIANO RIBEIRO FREIRE,  
DO CONSELHO DE S. M. O REY NOSSO SENHOR,  
SEU MINISTRO PLENIPOTENCIARIO EM  
LONDRES, &c. &c. &c.

P É L O  
D.<sup>R</sup> ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO,  
*Médico da Escola de Paris, e Phÿsico Mór  
da Capitania de Moçambique.*



RIO DE JANEIRO.  
NA IMPRESSÃO RÊGIA. 1816.  
*Com licença da Méza do Desembargo do Paço.*

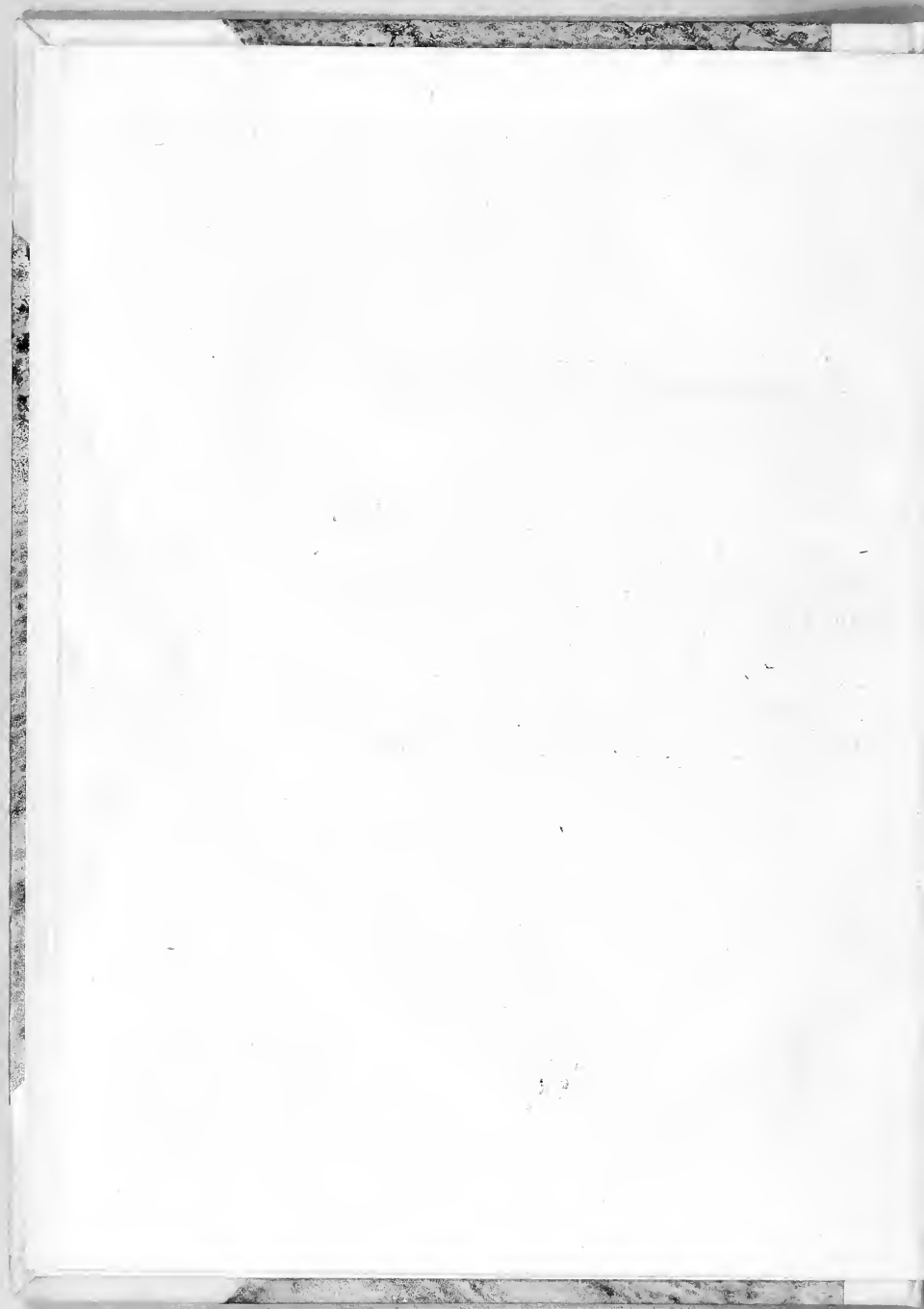
---

*Vende-se na loja de Manoel Joaquim da Silva Pôrto, na  
rua da quitanda à esquina da de S. Pédro, por 800 rs.*

1000

*A* O de um tão digno Rei digno Ministro,  
Que, só co' amor do bem, mil bens espalha,  
O Vate agradecido vota, ufano,  
De Virtude um painel, vota Iphigênia,  
Que a Racine franqueou da Glòria o Alcôçar.

Qual o Sol, ao erguer accêsa a frente,  
Mostra, no seu fulgor, do Eterno assomos;  
Tal Freire em si mostrou, do Vate aos olhos,  
Das Virtudes de João almos revêrberos.  
E' glòria bens dever às almas nobres:  
E a Gratidão nos corações os grava,  
Imagens, que appagar nem pôde a Morte.

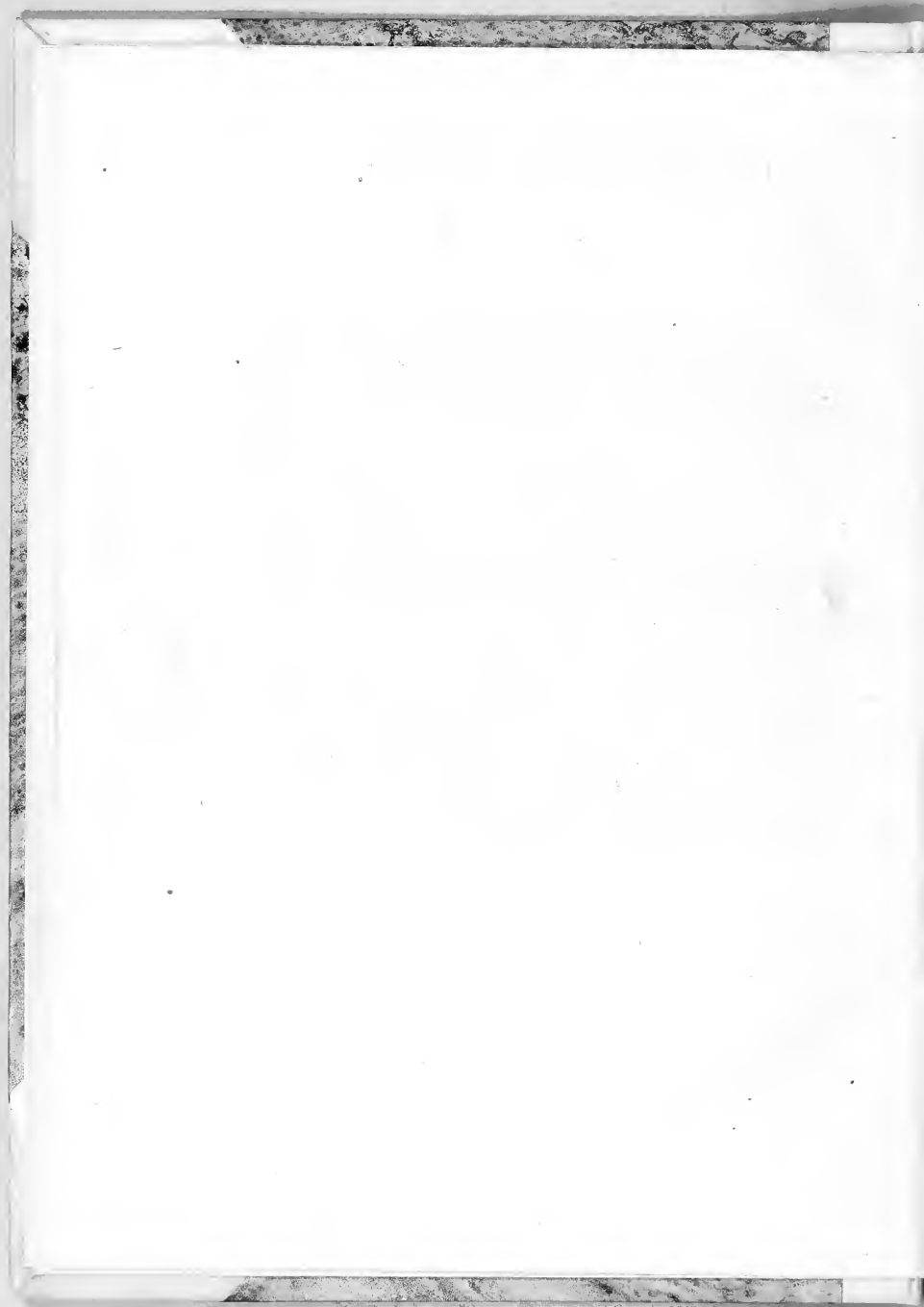




## PREFÁCIO DO TRADUCTOR.

**F**IZ o meu possível pãra pôr em Portuguez os pensamentos, e bellêza de estilo do incomparavel Racine, traduzindo um verso Francez em outro Portuguez, exceptuando em três lugares escuros, que foi necessário acclarar, e ampliar, mêsmo segundo o parecer do commentador Boisjermain; então de três versos do original fiz seis na traducção. Os cruiditos conhecerão quão custosa foi a minha empreza. Não me glorio de ter abicado o fim, a que me propuz; êlles o decidirão. Pêlo menos espero que olharão benignamente o meu trabalho, visto proporcionar à scena Portuguêza um dos chefes-de-obras do melhor Trágico moderno, que ainda nella não era conhecido. Trabalhei pãra que a minha language fôsse pura; e se mais algum tanto me attrevi, foi porque o julguei de última necessidade, pensando fundar sempre em Horácio os meus attrevimentos.

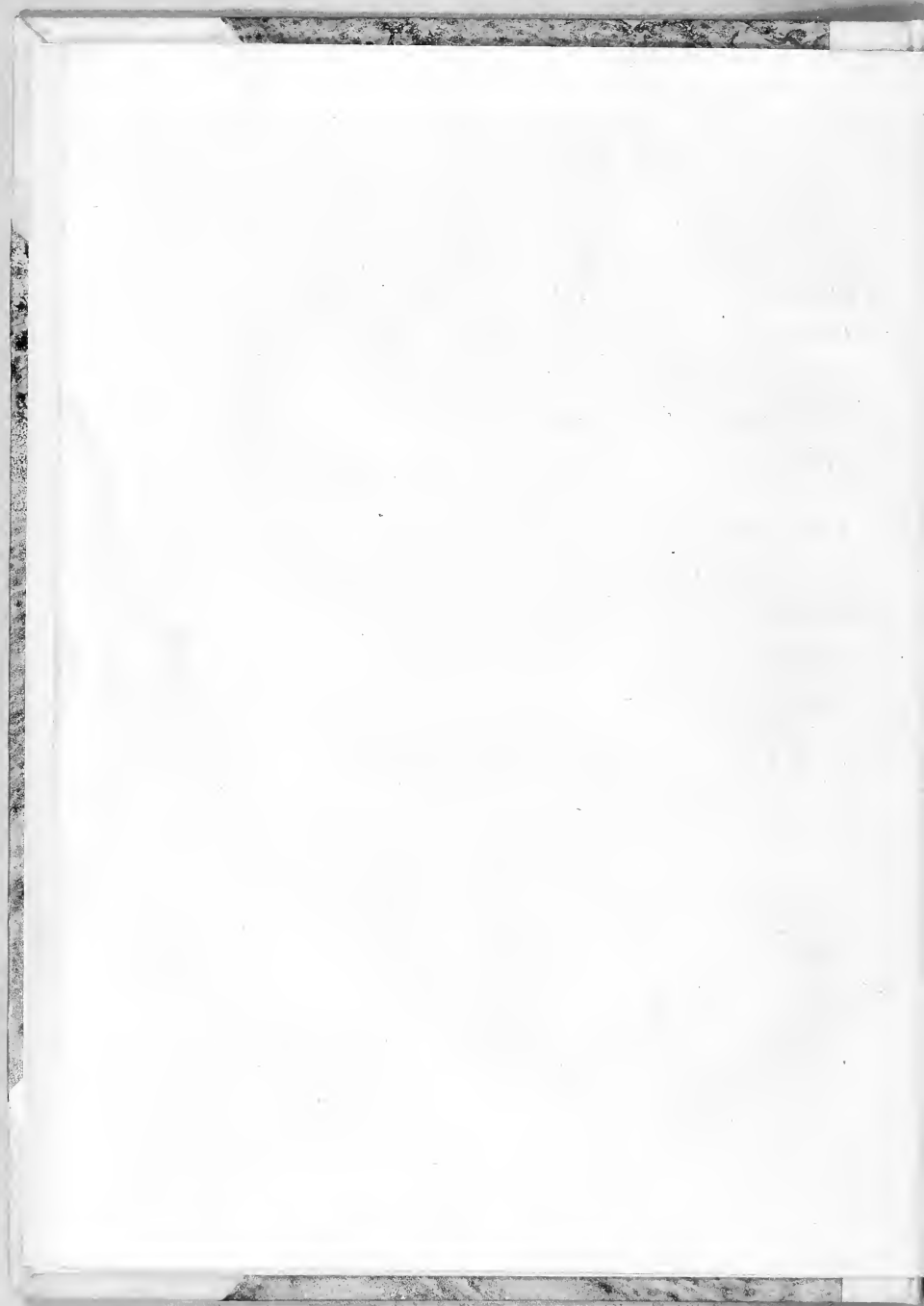
Conto publicar em breve uma memòria sôbre a Orthographia Portuguêza, onde darei rasão da que uso, a qual me parece havel-a eu sujeitado a regras simplices, invariaveis, e poucas.



## A C T Ô R E S.

AGAMEMNON,	<i>Rei de Argos.</i>
ACHILLES,	<i>Príncipe Grêgo filho de Tethys.</i>
ULYSSES,	<i>Rei de Pithaca.</i>
CLYTEMNESTRA,	<i>espôsa de Agamemnon.</i>
IPHIGÊNIA,	<i>filha de Agamemnon.</i>
ERIPHILE,	<i>nome dado a Iphigênia, filha de Theseo, e de Helena.</i>
EURYBATO	<i>criados de Agamemnon.</i>
ARCAS }	
EGINE,	<i>ama de Clytemnestra.</i>
DORIS,	<i>confidente de Eriphile.</i>
Guardas.	

A Scena è em A'ulide, na tenda de Agamemnon.



---

# IPHIGÊNIA

## TRAGÉDIA.

---

### A C T O I.

#### SCENA I.

*Agamemnon , Arcas.*

*Agam.* **A** Gamemnon , teu rei , è quem te accorda ,  
Sim , vem , e reconhece a voz , que escutas.

*Arc.* E's tu mêsmo , Senhor ! Que seria urgencia  
Te fez surgir tão longe inda da aurora ?  
Dêbil clarão te luz , me guia apenas.  
Em A'ulide sò tu , e eu não dormimos.  
Algum rumor nos ares percebêste ?  
Ouvir-nos-hião esta noite os ventos ?

*Agam.* Mas ventos , pego , nãos , tudo repouisa.  
Feliz quem , satisfeito em sorte humilde ,  
Livre do àspeto jugo , que me prende ,  
Dos Deuses por favor , vive ignorado !

*Arc.* Des de quando , Senhor , fallas dest'arte ?  
Entre honras tantas por que ultrage occulto  
Os Deuses , sempre a ti tão complacentes ,  
Desconhecer , e odiar seus dons te deixão ?  
Rei , pai , feliz espôso , A'trida ovante ,  
Na mais rica porção da Grécia imperas.  
Dão-te sangue de Jove os avòs tôdos ;  
Rêune-te Hymeneo aos pátrios Divos.  
De Orac'los mil gabado o môço Achilles ,  
Achilles , a que o Cêo prodigios guarda ,  
Busca em fim tua filha , e arder intenta

De Hymen tão bello a tocha em Teucras flammæ.  
Qual glória, quaes laureis, Senhor, igualão  
A pompa, que estas ribas te alardeião?  
E as mil náos, que, com vinte reis ufanas,  
Pára sob ti partir sô vento aguardião?  
Temosa calma, è certo, obsta as conquistas.  
Sôbre nós, luas três, soppeado o vento  
Nimio te cerra a estrada aos muros de l'lio.  
Mas cheio de honras taes em fim ès homem.  
Durante a vida, a sorte sempre instavel  
Nunca te prometteu continua dita.  
Presto... Mas tal papel quaes males traça,  
Que te arrancão, Senhor, êsse agro pranto?  
No bërço acaso a morte assalta Orestes?  
Choras tu Clytemnestra, ou Iphigènia?  
Que te escrevem, Senhor? Peço mo digas.

*Agam.* Não, tu não morrerás; soffrel-o è crime!

*Arc.* Senhor!...

*Agam.* Ves-me turbado, eis o motivo;  
Julga, amigo, se è tempo, em que eu descance  
Lembras-te o dia quando a armada inteira  
Em A'ulide a chamava o fausto vento.  
Partimos. Já com gritos mil ovantes  
De Trôia ao longe as margens ameaçamos.  
Pasmôso assombro susta êste transporte:  
No pôrto nos deixou falsário o vento.  
Forçoso foi parar, e o remo inutil  
Luctou debalde com o immovel pego.  
Tal prodigio inaudito à Divindade,  
Que aqui se adora, a recorrer me instiga.  
Menelão me seguio, Nestor, e Ulysses,  
E hôstia sagrei secreta em seus altares.  
Qual a resposta foi? Quem fico, oh Arcas,  
Quando a Calchas ouvi tão duro annuncio?

*Armões poderes vãos contra Dardania,  
Se em sacrificio festival, e augusto,  
Virgem, sangue de Helena,  
Aqui não avermeilhe o altar de Diana.  
Pára os ventos obter, que o Cêo vos nega,  
Seja Iphigènia a victima.*

*Arc.* Tua filha!

*Agam.* Confuso, como è crível,  
 Gelar senti meu sangue em tôdo o cõrpo.  
 A voz se me prendeu; sô voltar poude  
 Rebentando um volcão de mil suspiros.  
 Os Deuses increpei; sem mais consultas,  
 Desobediência lhes jurei nas aras.  
 Quanto então se atterrou meu terno peito!  
 Súbito licenciar, quiz as phalanges.  
 Approvar finge Ulysses meus discursos;  
 Deixa o ímpeto passar de iras primeiras:  
 Mas prompto, usando seus ardis tyrannos,  
 A honra me ponderou, o bem da pátria;  
 Tanto pôvo, êstes reis sob o meu mando,  
 E da A'sia o impêrio à Grêcia prometido;  
 Com que ar, tôdo immolando à filha o Estado,  
 C' os meus caducar fôra, eu rei sem glória.  
 Dos reis ser eu o rei, da Grêcia o chefe,  
 Mesmo o confesso com pudor sincero,  
 Aliciava-me o peito altivo, e dêbil.  
 Por me os damnos coroar, de noite os Deuses,  
 Mal me aliviava as penas leve o somno,  
 De aras suas vingando o jus sanguento,  
 Sacrilega piedade me increpavão;  
 E ao triste esp'rito meu mostrando o raio,  
 O braço erguião já contra o desprêzo.  
 Arcas, cedi; vencido por Ulysses  
 Mando em pranto immolar a prôpria filha.  
 Mas com que arte a arrancar da mãi aos braços?  
 Qual necessário foi ardil funesto!  
 De Achilles, seu amor, fingi-lhe preces.  
 Pára a viage appressar escrêvo à Argos  
 Que devendo êste herôe acompanhar-nos,  
 Queria dar-lhe a mão, partir-se espôso.  
*Arc.* E não têmes de Achilles a impaciencia?  
 Podeste crer que mudo, e sem furôres  
 Esse herôe, que armarão o amor, e os d'reitos,  
 Te sôffra em crime tal fingir seu nome?  
 Verá sacrificar a prôpria amante?  
*Agam.* Longe era Achilles: tinha-o, tu te lembras,  
 Pelco, seu pai, chamado destas margens,  
 De hostil visinho as iras recêando;

E por tôda a apparencia , Arcas , tal guerra  
 Fez crer-me que mais longa a ausencia fôra.  
 Mas quem pode a esta enchente obstar o impulso ?  
 Achilles vai pugnar , subito vence.  
 E este herôe , sempre apoz o seu renome ,  
 Com a noite chegou hontem à armada.  
 Mas mais fortes prisões retêm meu braço.  
 Minha filha , que perto corre à morte ,  
 Que , longe de cuidar tão cru decreto ,  
 Das bondades do pai talvez se applaude ;  
 Minha filha . . . O sô nome è tão sagrado !  
 Por joven , por meu sangue a não deploro ,  
 Deploro o mûtuo amor , e mil virtudes ,  
 Quão cuidosa è de mim , quão lhe sou terno ,  
 Respeitos , que em sua alma nada allue ,  
 E que eu melhor pagar votado havia.  
 Não , não crerei , oh Cêo , se tens justiça ,  
 Que approves o furor desta atra offerta !  
 Conhecer quiz-me , è certo , o teu orac'lo ;  
 O horror de a perpetrar em mim puniras.  
 Pâra esta confidencia eleito és , Arcas.  
 Cumpre-te aqui mostrar prudencia , e zêlo.  
 A rainha , que em Sparta te achou fido ,  
 No auge te poz , que junto a mim occupas.  
 Tõma esta carta. Corre-lhe ao encontro ;  
 Rápido segue a estrada de Mycenás.  
 A viagem , assim que as vires , lhes suspende ;  
 Da-lhe essas linhas , que tracei agora.  
 Não te percas : um guia experto busca.  
 Se o chão de A'ulide piza a minha filha ,  
 Logo eil-a morta. Aqui a espera Calchas ,  
 Que obstar-nos-hà chorar co' a voz dos Deuses ;  
 E ouvidos sô darà tímida a Grécia  
 A' religião irada em nosso damno.  
 Esses , que a inveja azeda ao ver meu brilho ,  
 Questões formando , annullarão meus d'reitos ;  
 Grão , que ciume lhes faz , talvez me arranquem.  
 Vai , digo ; salva-a da fraquêza minha.  
 Mas , cuidado ; não vâs , por zêlo incauto ,  
 O funesto sêgrêdo descobrir-lhes.  
 Ignore sempre a filha o risco extremo ,



A que o imprudente pai a tinha expôsto.  
 De irosa mão me poupa os alaridos;  
 Co' a carta põe de accôrdo o que dices.  
 Por despedir a filha, e a mãe lesada,  
 Finjo-lhes que mudou de ânimo Achilles;  
 Que agora quer, athè voltar de Trôia,  
 Sustar este hymeneo, que o amor lhe instava.  
 Podes juntar que do esfrisar do Pélides  
 Se culpa a occultas a donzella Eriphile,  
 Que de Lesbos captiva elle trouxera,  
 E que em Argos está com Iphigênia.  
 E' bem assaz; convem callar o resto.  
 Já vemos reluzir mais alto o dia:  
 Mesmo há quem entre já; rumor escuto.  
 E' Achilles. Vai. Cêos, com elle Ulysses!

## SCENA II.

*Agamemnon, Achilles, Ulysses.*

- Agam.* **E** Possível, Senhor, que em vôo tão rápido  
 A por-te em A'ulide a victória torne?  
 São taes prelúdios de um valor nascente?  
 Que loiros tem de vir apoz tal glória!  
 Cálmada, ou feita em pô Thessália inteira,  
 Tomada Lesbos sem chegar o exército,  
 De outro qualquer valor padrões eternos,  
 Mais que brincos não são do ócio de Achilles.
- Achil.* Honra menos, Senhor, dèbil conquista.  
 E em breve queira o Cêo, que nos suspende,  
 Ao coração me abrir mais nobre campo:  
 Teu alma, e honroso preço o ser me inflamma.  
 Porém que pensarei, Senhor, no emtanto  
 Do rumor, que me admira, e igual me endeus..  
 Dignas-te já cumprir quicã meus votos?  
 Ser dos mortaes já vou o mais ditoso?  
 E' fama, que Iphigênia, aqui trazida,  
 Logo ao seu deve unir o meu destino.
- Agam.* Minha filha? Quem dar tal nova ponde?
- Achil.* Senhor, que há nessa nova, que te espanta?
- Agam.* Cêos! Descubrio acaso o artil funesto?

*Ulys.* De Agamemnon, Senhor, o espanto è justo.  
 Pensas no mal, que a tôdos nos ameaça?  
 Cêos! Pâra um hymeneo que tempo escolhes?  
 Em quanto às nossas nãoz vedado o pego  
 Perturba a Grêcia, e o exêrcito consome;  
 Em quanto a ira dos Deuses talvez pede,  
 Pâra abrandar-se, sangue, e o mais illustre,  
 Achilles sô, Achilles no amor cuida?  
 E deve o chefe Argivo, em fado adverso,  
 Preparar de hum consôrcio a pompa ovante?  
 Ah, Senhor! E' assim que enternecido  
 Te dôes do mal da Grêcia, e amas a patria?

*Achil.* As acções provarão nos Phrygios campos  
 Se tu és quem mais a ama, ou se è Achilles.  
 Thê então de teu zêlo fazes alarde;  
 Prodiga, tens vagar, votos por ella;  
 De offertas, e de sangue enche os altares;  
 Interroga das hóstias as entranhas;  
 Pede-lhes da nudez do vento a causa;  
 Mas eu, que em ponto tal descanso em Calchas,  
 Soffre, soffre, Senhor, que eu affvore  
 Consôrcio, que irritar não pode os Deuses.  
 De ardor jamais inerte eu transportado  
 Lâ bem depressa irei juntar-me aos Grêgos.  
 Pesar me fôra atroz se outro guerreiro  
 Antes de mim toccara as Trôicas margens.  
*Agam.* Oh Cêo! Por que rasão teu mando occulto  
 Impede a taes heroes da A'sia o caminho?  
 Sô vira eu scintillar tão nobre flamma  
 Pâra com mais angústias separar-me?  
*Ulys.* Deuses! Que oiço?

*Achil.* Senhor! E ousas dizel-o?

*Agam.* Sim, príncipes; convém irmo-nos tôdos.  
 Por crêdula esperança hà muito illusos,  
 Os ventos recusatos esperamos.

O Cêo protege Trôia; e seus furôres  
 Nos prohibem lâ ir por mil presâgios.  
*Achil.* Que mãos presâgios seu furor nos provão?

*Agam.* O que prediz de ti tu mêsmo peza.  
 Ventura vã que serve? A' tua dêxtra  
 Dardânia conquistar os Deuses dêrão;

Mas de tal glória triumphal em prêmio,  
No campo Phrygio o tum'lo te marcãrão.  
Longa, e feliz em outro sitio a vida,  
Te deve em Troia ser na flor segada.

*Achil.* Assim, por te vingar tantos reis juntos,  
Carregados se irão de opprobrio eterno?  
E Páris, corôando a audace flamma,  
De tua espôsa a irmã terá, impune?

*Agam.* Que! Não tomou a si o assaz vingar-nos  
Teu valor, que encetou Grêgas proêzas?  
Os estragos de Lesbos, que arruinaste,  
Inteiro o mar Egeo inda espaventão:  
Troia as flammas lhe vio; e athê seus portos  
Jogou o pego restos, e cadáveres.  
Que digo? Os Teucros outra Helena perdem,  
Que a Mycenás enviaste prisioneira.  
Desta joven bellêza, eu não duvido,  
O pondunor desmente o vão sêgrêdo;  
Mêsma a mudez lhe accusa nobre origem,  
E nos diz que ella esconde alta princêza.

*Achil.* Não, não; tem nimia astúcia êsses pretêxtos.  
Nos arcanos do Cêo sobes mui longe.  
Eu, pararia eu a vãs ameaças!  
Da honra eu fugira, que apoz ti me espera?  
Predice a minha mãe a voz das Párças,  
Quando a espôso mortal franqueou seu leito,  
Que escolher posso inglórios, largos annos,  
Ou poucos dias de immortal memôria.  
Mas, pois que è fôrça em fim descer às sombras,  
Quererei eu, da terra carga inútil,  
Poupando o sangue meu por que è divino,  
Em lar pátrio esperar velhice obscura;  
E, da glória evitando sempre a viela,  
Nenhum nome deixar, morrer inteiro?  
Ah, não urdamos pois tão vis estorvos!  
Da honra se escuta a voz; eis nosso orã'lo.  
Arbitros são de nossa vida os Deuses;  
Mas a glória, Senhor, vem de nós mesmos.  
Por que seus altos mandos nos affligem?  
Lidemos em, quaes êlles, ser eternos;  
E, sem cuidar na sorte, ao valor vamos,

Que fados nos promete iguaes aos dëlles.  
 É' a Troia, e lá vôo: chovão agoiros,  
 Que aos Cêos sô vento peço à rota próspero;  
 É quando houvesse eu sô pâra sitial-a,  
 Por Patroclo, e por mim fôras vingado.  
 Mas não; em tuas mãos a entrega a sorte.  
 De te seguir sômente aspiro à honra.  
 Não mais te rogo de approvar excessos  
 Do amor, que ia affastar-me destas margens:  
 Este amor mêsmo zela a tua fama,  
 Quer que co' exemplo meu se anime o exêrcito,  
 É a não expor-te mais que tudo me urge  
 Aos tímidos consêlhos, que ousão dar-te.

### SCENA III.

*Agamemnon, Ulysses.*

*Ulys.* **E**Scutaste-o, Senhor. Por qualquer prêço  
 Quer êlle a Trôia voar, seguir seu fado.  
 Temiamos-lhe o amor! E êlle mêsmo hõje,  
 Por feliz êrro, contra si nos arma.

*Agam.* Ai!

*Ulys.*

Que dêvo agoirar dêsse suspiro?  
 Murmura acaso o sangue revoltado?  
 Crerei que te mudou uma sô noite?  
 É' bem teu coração, que fallar oiço?  
 Cuidado; tua filha à Grécia deves:  
 Tu mêsmo a promettêste; e em tal confiado  
 Calchas, que os Grêgos câda sol consultão,  
 Dos ventos lhes prediz volta infalível.  
 Se suas predicções se não cumprirem,  
 Crês que a mudez de Calchas vai à vante?  
 Que os Cêos deixe mentir, sem accusar-te?  
 Debalde tentarás maciar-lhe as iras.  
 Quem sabe a que um furor crido legítimo  
 Pode, a hôstia subtrahida, urgir os Grêgos?  
 Não arrisques o expor um povo irado  
 A decidir tuas questões co' os Deuses.  
 Não foi em fim a voz, que instante alçaste,  
 Que a tôdos nos chamou do Xanto aos campos?

Que em Grécia inteira o jus clamou, que outr'ora  
 Jurou de Helena tódo o amante, quando  
 Rivaes de teu irmão Grêgos sem conto  
 A Tyndaro, seu pai, a demandavão?  
 Qual fosse eleito o venturôso espôso,  
 Jurámos desde então suster-lhe os d'reitos:  
 Se audaz algum a espôsa lhe roubasse,  
 Do adúltero a cabeça lhe outorgámos.  
 Mas, feito pêlo amor, tal juramento,  
 Livres de amor, sem ti nos fôra sacro!  
 Sô tu, nos arrancando a novas flammis,  
 Nos fizeste deixar filhos, e espôsas.  
 E quando, aqui de tanta parte juntos,  
 Brilhar sô vemos a honra de vingar-te;  
 Quando a Grécia, firmando a nossa escôlha,  
 Desta alta emprêza chefe te saúda;  
 Que seus reis, disputar grão tal podendo,  
 Por ti stão promptos a perder seu sangue;  
 Agamemnon, por glôria tão subida,  
 Se acanha em derramar de sangue uns pingos?  
 E atterrorado, já dêsde o comêço,  
 Ordens, que aos Grêgos dà, è despedil-os?

*Agam.* Ah Senhor, muito fácil ès magnânimo  
 Longe do mal, que o coração me opprime!  
 Porém, se o teu Telêmaco antolhasse  
 Já co' a cinta mortal próximo às aras,  
 Veríamos que, insano ao quadro horrivel,  
 Mudaras logo em pranto a altiva frase;  
 A dor, que hoje me punge, te pungira,  
 E o ferro voaras a embargar de Calchas.  
 Bem o sabes, Senhor, já dei palavra.  
 Se minha filha vem, seja immolada.  
 Porém se, a meu pezar, seu fado prôspero  
 Em Argos a retêm, na viagem a susta;  
 Soffre que eu, sem instar a scena infanda,  
 Legal estôrvo por meu sangue acclare,  
 Que pâra minha filha accite o auxilio  
 De algum mais brando Deus, que lhe ame a vida.  
 Em meu peito tens tido nimio império;  
 E eu me envergonho assaz. . . .

## S C E N A IV.

*Agamemnon, Ulysses, Euribato.**Euri.***S**enhor . . . . Que dizes ?*Agam.**Euri.*

A rainha, que ora eu veloz precêdo,  
Sua filha já vem por-te nos braços.  
Pròxima està. Extraviou-se um tanto  
Nas matas, que do campo a estrada occultão:  
Dellas na escuridão foi trabalhôso  
Vir atinar com a perdida estrada.

*Agam.**Euri.*

Traz tambem Eriphile, essa joven,  
Que Leshos entregou às mãos de Achilles.  
Diz ella que, ignorando os seus destinos,  
Vem perguntal-os ao vidente Calchas.  
Espalhado o rumor já stã da vinda;  
Jã de soldados encantada pinha,  
Toccando-os mais as graças de Iphigênia,  
Fervente implora o Cêo lhe dê venturas.  
Com respeito uns rodeavão a rainha;  
A que ella vem me perguntavão outros.  
Mas tôdos confessavão que se os Deuses  
Rei mais gloriôso nunca entronisarão,  
Assim a pai algum bens tão subidos,  
Tão alta dita liberaes não derão.

*Agam.*

Euribato, bem stã. Deixar-nos podes.  
Respeito diz-me o mais: vou medital-o.

## S C E N A V.

*Agamemnon, Ulysses.**Agam.*

**C**ÊO justo, urdindo assim tua vingança,  
De minha vã prudencia as fôrças quebras!  
Se inda eu podesse, livre na desgraça,  
Minha dor abraçar vertendo pranto!  
Triste sorte de um rei! Somos escravos

Dêsse ímpio fado, e do capricho humano!  
 Cercado sempre de Argus cavilosos,  
 E' o mais infeliz quem menos chora.

*Ulys.* Sou pai, Senhor, e dèbil como os outros.  
 No trance teu minha alma se figura;  
 E, do golpe c' o horror, que os ais te arranca,  
 Longe do pranto arguir-te, eu vêto pranto.  
 Mas já rasão legal no amor não mostras.  
 Sua victima o Cêo a Calchas trouxe:  
 Elle o sabe, 'èlle a espera; e, se ha tardança,  
 Virà mêsmo pedil-a a grandes brados.  
 Sôs inda estamos. Chora, chora em tanto  
 Lágrimas dignas de tão terno assumpto.  
 Deplora o puro sangue. Ou, antes, a honra,  
 Que nos vai resultar, peza não-pálido.  
 Alvo c' o remo Argivo olha o Hellesponto,  
 E a pèrfida Dardania às flammas dada;  
 Seu monarca a teus pês c' o pôvo em ferros;  
 Por ti Helena ao spôso restituida.  
 Vê as coroadas pôppas das nãos tuas  
 A esta A'ulide tornar contigo ovantes;  
 E esta feliz victòria destinada  
 A fazer do porvir o assumpto eterno.

*Agam.* Senhor, conhêço o vão de meus esforços.  
 Eu já cêdo: a innocencia os Cêos opprimão.  
 Prompta seguir-te vai victima infausta,  
 Parte. No em tanto a voz obsta de Calchas;  
 E, ajudando a encobrir mistèrio horrendo,  
 Deixa-me a terna mãi affastar da ara.

Fim do Primeiro Acto.

## ACTO II.

## SCENA I.

*Eriphile, Doris.*

*Erip.* **N**ADA de as constringer, vamo-nos, Doris;  
Deixemol-as do pai, do amante em braços.  
E, em quanto o amor profusas desenvolvem,  
Demos aso ao seu gosto, e às penas minhas.

*Doris.* Que, Senhora! Irritando sempre os males,  
Crerás só ver objectos deploráveis?  
Sei que no captiveiro tudo é horrído;  
Que o prazer entre ferros não existe.  
Mas no tempo fatal que, sôbre as ondas,  
Nos trouxe à força o vencedor de Lesbos;  
Quando, captiva tímida a seu bordo,  
O homicida feliz presenciavas,  
Dil-o-hei? Menos banhada em pranto amargo,  
Choravas menos as desgraças tuas.  
Tudo agora te ri: sincera amiga  
Comtigo se une a amavel Iphigênia;  
Ama-te como irmã, te compadece:  
Menos dóce te fôra em Troia a vida.  
Queres A'ulide ver? com ella em A'ulide,  
Onde a chama seu pai, entras com pompa.  
Porém, por sorte atroz, que eu não entendo,  
Tua afflicção redobra a cada instante.

*Erip.* Que pois! Crês tu que Eriphile sem-dita  
Seus regosijos ver tranquillã dêva?  
Pensas que minha dor dêva extinguir-se  
Ao ver um bem, que possuir não posso?  
Entre os braços do pai vêjo Iphigênia;  
Ella a sobérba mãi enche de orgulho;  
E eu, sempre exposta a renovados prigos,  
Entregue desde o bérço em mãos estranhas,  
A luz da vida respirei thê hõje  
Sem de pai, ou de mãi ver um sorriso.



Não sei quem sou, e pâra horror extremo,  
 No êrro me affunda oráculo terrivel,  
 E, se quero indagar qual è meu sangue,  
 Diz-me que sò o saberei co' a morte.

*Doris.* Não, não; tuas pesquisas leva ao cabo;  
 Sempre o oráculo folga em ser obscuro;  
 C' um sentido sempre une outro sentido.  
 Perdendo o falso nome o teu encontras.  
 Nêste ponto redundo o risco tôdo;  
 E' assim que talvez te espere a morte.

*Erip.* Olha que o falso nome è dêsde o bêrço.  
 Isso è tudo o que eu sei do meu destino.  
 Teu pai, do resto testemunha infausto,  
 Obstou-me sempre o penetrar mais longe.  
 Ai! Nessa Trôia, onde eu era aguardada,  
 Ião dar-me, dice êlle, a minha glòria:  
 Conhecendo o meu nome, e o meu estado,  
 Veria o sangue em mim dos reis maiores.  
 Já cria eu descobrir a gran cidade.  
 O Cêo a Lesbos guia o duro Achilles;  
 Tudo lhe sente as iras, cede tudo.  
 Teu pai, envôlto c' os montões dos mortos,  
 Mêsmo incôgnita a mim deixou-me em ferros;  
 E de tantas grandêzas promettidas,  
 Triste escrava dos Grêgos, sò me resta  
 O fero pondunor do sangue occulto.

*Doris.* Ah! Senhora, que odiôso ser te deve  
 Quem tão fiel testemunha ousou roubar-te!  
 Mas Calchas aqui stà, Calchas tão cèlebre,  
 Que sempre no sêgrêdo entra dos Divos.  
 Freqüente o Céu lhe falla. Assim instruido  
 O que existio sabe êlle, e existir ha de.  
 Desconhecer teus pais pode êlle acaso?  
 De protectôres teus vê cheio o campo.  
 Prompto Iphigênia, desposando Achilles,  
 Asylo te vai dar nos Paços della;  
 Ella è que to jurou ante mim mêsmo:  
 Quer sua fê estrear de acção tão nobre.

*Erip.* Que crêras, Doris, se, apezar de tudo,  
 Este hymeneo me fôra o mal mais agro?

*Doris.* Que, Senhora? ...

*Erip.*

Espantada tu observas

Que não há lenitivo às minhas mágoas:  
 Escuta, e pasma então de que inda eu viva.  
 Pouco é captiva ser, estranha, incôgnita:  
 Esse estruidor fatal da triste Lesbos,  
 Esse Achilles, autor dos nossos males,  
 Cuja sanguenta mão me trouxe escrava,  
 Que de um talho feroz teu pai me rouba,  
 E de que sangue sou me deixa ignara,  
 Que tôdo dêvo odiar, athè seu nome,  
 De tôdos os mortaes è quem mais amo.

*Doris.*

Ah, que me dizes tu?

*Erip.*

Cri sempre ufana

Que eterno o debil meu fosse ignorado;  
 Porém minha afflicção tal voz me arranca:  
 Diz-ta uma vez, e a callará p'ra sempre.  
 Qual foi minha esperança não perguntes  
 Nêste fatal amor, que me arde na alma:  
 Eu não accusarei o dô fingido,  
 Com que Achilles ver cri honrar meus males.  
 Cruël prazer de certo o Cêo quiz dar-se  
 Acestando-me os dardos de seu ódio.  
 Inda me lembrarei a idea horrivel  
 Do dia, que ambas nos lançou em ferros!  
 Nos ímpios braços, porque fui roubada,  
 Longo tempo fiquei sem luz, sem vida.  
 Busquei em vão co' a debil vista o dia;  
 E vendo-me appertar c'um braço cruento,  
 Doris, tremi, e do brutal guerreiro  
 Recêei deparar c' o rôsto horrendo.  
 Entrei em sua não odiando-lhe a ira:  
 Sempre delle arredei de horror os olhos.  
 Em fim o vi. Cruël não tinha o aspecto.  
 Senti a reprênsão morrer nos lábios,  
 Senti o coração contra mim por-se;  
 A ira esqueci, sô atinei c' o pranto.  
 Deixei o amavel guia conduzir-me.  
 Em Lesbos eu o amei, eu o amo em A'ulide.  
 Iphigênia soccôrro em vão me off'rece,  
 E a mão me estende a soccorrer-me prompta.  
 Triste effeito das iras, que me inflammão!

Eu sô lhe acceito a mão, que me apresenta,  
Pâra me armâr contra ella, e pâra a occultas  
Obstar-lhe a dita, que soffrer não posso.

*Doris.* E que fará contra ella ódio impotente?

Melhor não fôra, dentro de Mycenâs,  
As mâgoas evitar, que ansiosa buscas,  
E combater o amor forçado às trevas?

*Erip.* Eu, Doris, assim quiz. Mas nestas praias  
Por hõrrida que eu visse a glõria della,  
Fôrça ir co'a sorte foi, que me arrastava.  
Ordenou-me partir rumor secreto;  
Dice-me que talvez, como infelice,  
Poderá aqui trazer meus infortunios;  
Que talvez, junto a amantes tão ditosos,  
Algun dos males meus os contagiara.

Eis o que me conduz, não a impaciência

De indagar meu funesto nascimento:

Mais; seu consórcio leis mortaes me dicta;

Feito êlle, eis tudo: nada mais espero.

Eu, Doris, morrerei; e morte prompta

Meus ludibrios darà do tûm'lo às sombras,

Sem pais buscar, incõgnitos hã tanto,

E que meu louco amor nímio deshonra.

*Doris.* Que dõ tenho de ti! Por tua vida...

*Erip.* Lã vem Agamemnon com Iphigênia.

## S C E N A II.

*Agamemnon, Iphigênia, Eriphile, Doris.*

*Iphig.* **O**NDE corres, Senhor? Que pressa insólita  
Aos braços nossos tão veloz te arranca?  
Tão prompta fuga a que imputal-a dêvo?  
Submissa dei lugar da mãi a extremos:  
Nem me attendes agora um sô instante?  
Não te posso mostrar minha alegria?  
Não sou eu...

*Agam.* Vem ao paí, oh minha filha:  
Não deixa êlle de amar-te.

*Iphig.* Amor tão caro!

Qual gôso o de tener, de contemplar-te.  
 Na nova pompa, em que brilhar te vêjo!  
 Quaes honras! Qual poder! Já leve a fama  
 Dito mo havia em narrações sobêrbas:  
 Mas, vindo ao perto esta aurea perspectiva,  
 Quanto a admiro, e crescer sinto o meu gôso!  
 Cêos, com que amor a Grécia te respeita!  
 Ser filha de tal pai quanto me addita!

*Agam.* Mereces, filha, um pai mais venturôso.

*Iphig.* Que ventura faltar pode a teus votos?

Pode um rei pertender a mores honras?  
 Cri sô que agradecer devia aos Deuses.

*Agam.* Deuses! E dêvo preparar-lhe a morte?

*Iphig.* Occultas-te, Senhor, gemes, suspiras!  
 A mêdo olhar magoadado em mim sô cravas!  
 Sem tua ordem sahimos de Mycenâs?

*Agam.* C' o mêsmo amor eu te amo sempre, oh filha.  
 Mas o tempo mudou, e os sítios co' êlle:

Atroz cuidado aqui me tolhe ao gôso.

*Iphig.* Ah! Comigo, oh meu pai, quem és esquece.  
 Prevêjo quanto è dura a ausencia longa.

De um momento ser pai, Senhor, tens pêjo!  
 Sô tens diante de ti joven princêza,

A quem gabei por mim tua ternura:

Amo-a, e lhe prometti tua bondade;

Gloriei-me ante ella da ventura minha.

Que deve ella pensar dessa indiff'rença?

Esperança fallaz lhe dei acaso?

Não alegraràs tu semblante afflicto?

*Agam.* Ah minha filha!

*Iphig.* Adiante, oh pai!

*Agam.* Não posso!

*Iphig.* Morra o Troiano autor de afflicções nossas!

*Agam.* Nos vencedôres seus que pranto ingente!

*Iphig.* Mais que tudo protêja o Cêo teus dias.

*Agam.* E'-me hà já tempo o Cêo cruêl, e surdo.

*Iphig.* Grão sacrificio, diz-se, apprompta Calchas.

*Agam.* Possa eu antes maciar Deuses injustos!

*Iphig.* Vão-no prompto off'recer?

*Agam.* Mais do que eu quero.

*Iphig.* Permittes-me juntar aos teus meus votos?

Ver-se-hà no altar tua feliz familia ?

*Agam.* Ai !

*Iphig.* Callas-te , Senhor ?

*Agam.* Lã iràs , oh filha.

Adeus.

### S C E N A III.

*Iphigènia , Eriphile , Doris.*

*Iphig.* **Q**UE devo crer dêstes transportes ?

De horror secreto estremecer me sinto.

Receio , sem querer , desgraça incôgnita.

Tu sabes , justo Cêo , por quem te imploro.

*Erip.* De tão grandes cuidados sob o pêzo

Star êlle um tanto frio te amedronta ?

Triste de mim , a que ais sou condemnada !

Eu , que , de pais abandonada sempre ,

Sem pátria , nem se quer , mêsmo à nascença ,

Tive dêlles talvez uma carícia !

Pêlo menos se o pai não bem te escuta ,

Da mãi no grêmio tuas penas gemes ;

E em fim , qual o mal sêja por que chores ,

Que lágrimas o amante não enxuga !

*Iphig.* Não nego. Bella Eriphile , o meu pranto

Aos affagos de Achilles não resiste.

Sua glória , o amor seu , meu pai , minha honra ,

No peito meu lhe dão poder mui justo.

Mas hõje dêlle que pensar eu dêva ?

O amante , que por ver-me arde impaciente ,

Que os Grêgos arrancar d'aqui não pôdem ,

Por quem meu pai me chama de tão longe ,

Assaz se appressa por gosar da vista ,

Que julguei que estremôso êlle anhelava ?

Eu , depois que hà dois dias êstes sitios

Com ardor desejados descobrimos ,

Câda iustante o esperava ; e , de olhos tímidos ,

Precorrendo incessante a estrada de A'ulide ,

Buscando-o o coração longê me voava ,

E a quanto posso ver pergunto Achilles.

Prosigo , chego em fim ; não vem buscar-me.

Atravessei desconhecido pôvo,  
 Sô elle não parece. O pai afflicto  
 Recceia articular-me o nome d'elle.  
 Achilles o que faz? Cruel mysterio!  
 Está, qual pai, o amante enregelado?  
 E os cuidados da guerra soppearão  
 Dôce ternura, e amor nos peitos tôdos?  
 Mas não; agravo-o c'ô temor injusto.  
 Deve-se a mim o auxilio de seu ferro.  
 Elle em Sparta não stava entre os amantes,  
 Que ao pai de Helena o juramento derão.  
 De liberta palavra o único Argivo,  
 Se a Trôia vai, sou eu por quem lá vôa:  
 E, julgando tão dôce a recompensa,  
 Lá quer levar de meu espôso o nome.

#### SCENA IV.

*Clytemnestra, Iphigênia, Eriphile, Doris.*

*Clytem.* **C**onvêm; filha, partir; não haja estôrvô:  
 Salvemos pêla fuga a nossa glôria.  
 Não mais me espanta que interdicto, e triste  
 Nos recêba teu pai entre pezares.  
 A desprêso cruel temendo expor-te,  
 Por Arcas esta carta me mandara;  
 E Arcas, illuso c'ô desvio nosso,  
 Accaba de m'a dar neste momento.  
 Mais um esforço; eis salva a nossa glôria.  
 Sobre o teu hymenêo mudou Achilles;  
 E, recusando as outorgadas honras,  
 Quer, thê voltar de Trôia, retardal-o.

*Erip.* Que oço?

*Clytem.* Corar te vêjo a tal ultrage.  
 Convêm de nobre orgulho armar tua alma.  
 E mêsmo eu, approvando o amor do ingrato;  
 Em Argos pêla mão t'ô hei apresentado!  
 Lizongcada co' a fama de seu sangue,  
 Te dava alegre ao filho de uma Deusa.  
 Mas pois que agora o vil rependimento

Desmente os Deuses, de que o crem nascido,  
 Mostrar quem somos è dever, oh filha,  
 E dos homens julgal-o o mais infame.  
 Pensar fal-o-hemos, por maior tardança,  
 Que esperas anhelante embrandecel-o?  
 Consòrcio addiado com prazer rompamos.  
 Conhecer a teu pai fiz meus designios;  
 Espero-o aqui por despedir-me d'elle,  
 E vou tudo appressar pàra a partida.

(a *Eriphile*)

Senhõra, em que nos sigas não insisto.  
 Minha ausencia te deixa em mãos mais caras.  
 Desmascarou-se teu segredo occulto:  
 A quem buscas aqui não è a Calchas.

### SCENA V.

*Iphigènia, Eriphile, Doris.*

*Iphig.* **E**M que afflicção me poz êste discurso!

Sôbre o consòrcio meu mudou Achilles;  
 Sem honra aos lares meus volver è fôrça.  
 E de outro Calchas tu em busca vieste?

*Erip.* Senhõra, a tal discurso eu nada entendo.

*Iphig.* Entender-me-hàs bastante se o quizeres.  
 Roubão-me o espôso ludibriosos fados,  
 Senhõra, deichar-me-hàs em tal desgraça?  
 Não podias sem mim star em Mycenaz;  
 E irei com minha mãi sem ir contigo?

*Erip.* Ver antes de partir queria eu Calchas.

*Iphig.* Por que tardas, Senhõra, em dar-lhe aviso?

*Erip.* Se vás partir pàra Argos n'um momento.

*Iphig.* Um momento acclarou mais de uma dũvida.  
 Vêjo, Senhõra, que è já nímio instar-te.  
 Vêjo hõje o que jamais eu quiz pensal-o.  
 Achilles... Ardes tu por que eu não parto.

*Erip.* Eu! De traição tão nẽgra me suspeitas?  
 Eu, Senhõra, amaria atroz guerreiro,  
 Que sempre se me antolha ensanguentado,  
 Que, mortes a anhelar, na dẽxtra flaminas,  
 Lesbos em cinzas poz...

*Iphig.*

Tu o amas, pèrfida:

E êsse mêsmo furor, que ousas pintar-me,  
 Esse, que viste, braço tincto em sangue,  
 Essa flamma, esses mortos, Lesbos, cinzas,  
 São traços, com que amor to insculpio na alma:  
 E em vez de detestar a ideia horrivel,  
 Te estàs regosijando em descrever-ma.  
 Mais de uma vez, em queixas contrafeitas,  
 Eu devi ver, eu vi tua alma inteira;  
 Mas sempre me repoz facil bondade  
 A venda, que eu dos olhos affastara.  
 Tu o amas. Ai que fiz! Que êrro funesto!  
 Affagar eu minha rival nos braços!  
 Ah crêdula! Eu a amava. Amiga, inda hõje,  
 Lhe dava appoio em seu perjuro amante.  
 Eis o triúmpho em fim, que me aguardava!  
 Ao carro teu eu mêsmo vim prender-me.  
 Ai! Votos contra mim já tos perdõo,  
 E de um amor, que me roubaste, a pèrda;  
 Mas que, sem me avisar da horrenda trama,  
 Soffras que eu vâ buscar, da Grêcia ao fundo,  
 O ingrato, qne se espera, è por deixar-me,  
 Perdoar injuria tal pode-se, oh falsa?

*Erip.*

Das-me nomes, que devem espantar-me,  
 Senhõra. Não affeita sou a ouvil-os:  
 E os Deuses, muito hà já meus inimigos,  
 De meu ouvido os tinhão arredado.  
 De amantes a injustiça tem desculpa.  
 De que exigias tu que eu te avizasse?  
 Podeste crer que preferisse Achilles  
 De Agamemnon ao sangue obscura virgem,  
 Que sò pode saber de seu destino

*Iphig.*

De sangue ser, que êlle tragar anhela?  
 Vences, cruêl; e a dor inda me affrontas.  
 De meu agro infortúnio eis tôdo o pêzo!  
 Confrontas teu exílio, e a minha glória,  
 Por te mais exaltar triúmpho injusto.  
 Precipitas com tudo os teus excessos.  
 O mêsmo Agamemnon, que insultas hõje,  
 Tem-me amor, è meu pai, commanda os Grêgos;  
 Mais do que eu resente êlle as penas minhas.



Compungio-o meu pranto antecipado.  
 Seus ais colhi, que me occultar queria.  
 Ah! Comdemnando a recepção tristonha,  
 Fiz-lhe queixas de froixo na ternura!

## S C E N A VI.

*Achilles, Iphigènia, Eriphile, Doris.*

*Achil.* **S** Enhôra, è certo pois! E's tu, que eu vêjo!  
 Suspeitava no engano o campo inteiro.  
 Tu em A'ulide? Tu? Por quê, Senhora,  
 Por que rasão teu pai me dice o oppôsto?  
*Iphig.* Socega-te, Senhor. Serás contente.  
 Mais Iphigènia aqui se não demora.

## S C E N A VII.

*Achilles, Eriphile, Doris.*

*Achil.* **F** Oge-me! Estou desperto? Ou è um sonho?  
 Em que atra dor me affunda esta fugida!  
 Senhora, ignoro se podera Achilles,  
 Sem irritar-te, respeitôso ver-te.  
 Mas se de um inimigo ouves a supplica.  
 Se muito dô lhe fez sua captiva . . . .  
 Sabes quem traz aqui os passos della;  
 Sabes. . . .

*Erip.* E que, Senhor, acaso o ignoras?  
 Tu, que, hà um mez aqui de amor ardendo,  
 A vinda pressurôso lhe approvaste?

*Achil.* Depois de um mez de aqui me hei ausentado,  
 E hontem cheguei de nôvo a vez primeira.

*Erip.* Que! Seu pai a Mycenás escrevendo,  
 Teu amor, tua mão não guiava a d'elle?  
 Que! da filha adoravas os encantos . . . .

*Achil.* Olha que inda os adoro, e mais que nunca,  
 Senhora; e, se voasse eu co'a idea minha,  
 Là mêsmo em Argos encontral-os fôra.  
 Com tudo me fugio! Quaes são meus crimes?  
 Porém olhos contrários sôs me cercão.

Que digo? Calchas vem, Nestor, e Ulysses  
 De tentar os ardis da vã loquela,  
 Combatendo-me o amor, dando a pensar-me  
 Que, se eu amava a glòria, o desprezasse.  
 Que emprêza em caso tal podera urdir-se?  
 Sou eu, sem o saber, da armada a fâbula?  
 Entremos. Vou rasgar o atroz segrêdo.

S C E N A VIII.

*Eriphile, Doris.*

*Erip.* **C**EOS, vêdes meu ludíbrio; onde occultar-me?  
 Rival altiva; amada inda murmuras!  
 Insultos soffer-te-hei com tua glòria?  
 Ah! Primeiro... Ou me finjo illusão dôce,  
 Ou vai sôbre êlles troar tormenta infausta.  
 Doris, eu vêjo. Nuta-lhes a dita.  
 Enganão Iphigênia, a Achilles fogem;  
 Agamemnon deplora. Animo, oh triste;  
 E, se o fado contra ella o ódio me ajuda,  
 De tal concêrto tirarei partido,  
 P'ra que eu não chore só, nem morra inulta.

Fim do Segundo Acto.

## A C T O III.

## S C E N A I.

*Agamemnon , Clytemnestra.*

*Clytem.* **P**Artiãmos , Senhor ; meu furor justo  
 Deixara prompto , e longe o campo , e Achilles.  
 Chorar ludibrios a Argos ãa a filha.  
 Mas de fuga tão prompta êlle espantado  
 Por quantos juramentos , que accredito ,  
 Vem de nos convencer , e demorar-nos !  
 Insta hymenêo , que diz-se êlle difere ,  
 É te busca em amor , em ira ardendo.  
 Perto de impor mudez a ruído infame ,  
 Ver , confundir o autor pertende-o Achilles.  
 Bane o temor , que nos turbava o gôsto.

*Agam.* Basta , Senhõra. Accreditado sêja.  
 O êrro , que nos cegava , reconhêço.  
 De teu gôsto me alegre o mais que posso.  
 Queres que à minha prole Calchas o una ?  
 Aos altares enviar podes a filha ;  
 Eu a espero. Mas antes de ir mais longe ,  
 Um momento fallar-te quiz a occultas.  
 Repara a que lugares a trouxeste.  
 Tudo respira a guerra , e não consòrcio.  
 De um campo a confusão , soldados , nautas ,  
 Hòrrido altar com lanças , com remessos ,  
 Spectac'lo em fim , de Achilles digna pompa ,  
 A te encantar os olhos não è próprio ;  
 E a Grècia vira de seu rei a espôsa  
 Em estado de mim , de ti indigno.  
 Me creràs tu ? Com tuas damas vai-te ;  
 Deixa ir sem ti às aras Iphigènia.

*Clytem.* Quem ? Eu ? A estranhos entregando a filha ,  
 Ó que eu principiei , eu não conclua ?  
 Que depois de a trazer de Argos ã A'ulide ,  
 Me recuse de às aras conduzil-a ?

Deves mais perto que eu estar de Calchas?  
Quem ao espôso seu me entregue a filha?  
Qual outra ordenará tão sacra pompa?

*Agam.* Tu não estás aqui de Atrêo nos Paços;  
Estás n'um campo . . .

*Clytem.* Onde imperioso mandas;  
Onde em tuas mãos tens da A'sia o destino;

Onde o filho de Tethys è meu filho.  
Em que áureos Paços cheios de grandêza  
Com mór splendor jamais parecer posso?

*Agam.* Ah! Dos Deuses em nome, origem nossa,  
Graça tão grande a meu amor concede.  
Tenho rasões.

*Glytem.* Senhor, scena tão dôçe,  
Dêsses Deuses em nome, não me roubes.  
De a teu lado me ver não te envergonhes.

*Agam.* Mais eu confiava em tua complacencia,  
Mas pois que te mover rasões não podem,  
Pois que inválidas são as minhas sùpplicas.  
Ouviste o que eu submisso te implorava,  
Senhõra: eu sou que o quero, agora o ordeno.  
Obedece.

## SCENA II.

*Clytemnestra sò.*

**A**I de mim! Por que motivo  
O duro Agamemnon da ara me affasta?  
Co' as novas honras vão me desconhece?  
Crê-me de apparecer-lhe ao lado indigna?  
Ou, tímido inda possuidor do império,  
Mostrar não ousa aqui a irmã de Helena?  
Por que me esconderei? Por que injustiça  
Recahem sôbre mim deshonoras della?  
Embora; elle assim quer; eu me conformo.  
Meus males tua dita adoça, oh filha.  
Dão-te Achilles os Cêos; meu gôso è summo.  
De ouvir chamar-te . . . Mas è elle, que entra.

## S C E N A III.

*Achilles , Clytemnestra.*

*Achil.* **A**O meu fervor , Senhora , tudo è fausto.  
 O rei não consentio outras clarézas ;  
 Sõ meus extremos crê : sem mais ouvir-me ,  
 Abraçando-me vem de dar-me a filha.  
 Elle fallou-me apenas. Mas contou-te  
 Ao campo que venturas tu trouxeste ?  
 Os Cêos vão applacar-se. Ao menos Calchas  
 Diz que co' elles n' uma hora nos concorda ,  
 Que prompto a nos ouvir Neptuno , e os ventos ,  
 Sangue , que vai sparzir , único esperão :  
 Já das nãos o velame se desfralda ,  
 Já , em Calchas confiando , a Trôia apprôão.  
 Eu , mêsmo o Cêo a bem dos meus amôres  
 Querendo a volta retardar dos ventos ,  
 Pezarôso me irei da feliz margem ,  
 Onde vou de hymenêo atear os fachos.  
 Posso eu deixar de amar propício tempo  
 De ir nossa união sellar c' o Teucro sangue ,  
 E de prompto affundar sob Trôia em cinzas  
 A deshonra do nome , a que o meu se une ?

## S C E N A IV.

*Achilles , Clytemnestra , Iphigênia , Eriphile ,  
Doris , Egeu.*

*Achil.* **T**ENS nas mãos , oh princêza , a minha dita.  
 Teu pai me chama teu espôso às aras.  
 Coração receber vem , que te adora.  
*Iphig.* Senhor , tempo não è de partir inda.  
 Permitta-me a rainha que eu te peça  
 Um penhor do amor teu , que dar mo deves.  
 Joven princêza apresentar-te venho ;  
 Sellou-lhe o Cêo de alta nobrêza a fronte :  
 De lágrimas se inunda os dias tôdos ;  
 Seus males sabes tu , tu lhos causaste.  
 Eu mêsmo , ( onde ira injusta me arrastava ! )

Sem respeito affligi hà pouco a triste.  
 Que não posso eu também reparar prompto,  
 Com ùteis modos, meu fallar injusto!  
 Presto-lhe a minha voz: eu mais não posso.  
 Teus feitos desfazer, Senhor, sô podes.  
 E' tua escrava, e os ferros, que eu deploro,  
 Das mãos lhe cahirão co'as ordens tuas.  
 Enceta assim êste ditôso dia.

Condemnada a nos ver nunca mais sêja.  
 Mostra que eu vou seguir ao pè das aras  
 Um rei, que a seu pezar atterra os homiêns;  
 Que a incêndios sua glôria não limita;  
 Que, affeito a não ceder, cheio de loiros,  
 Da espôsa o pranto lhe amacia o peito;  
 Que, do infeliz por dô depondo as armias,  
 Ôs Deuses, troncos seus, em tudo imita.

*Erip.* Sim, Senhor, alligeira a dor mais viva.  
 Escrava tua em Lesbos fez-me a guerra;  
 Mas è nimio estender jus affrontôso  
 Juntando-me inda o mal, que aqui me punge.  
*Achil.* A ti, Senhora?

*Erip.* Sim, Senhor; tão dura  
 Podes impor-me lei, callando o resto,  
 De ser eu mêsmã a triste espectadôra  
 Da ventura, que addita os meus contrários?  
 Minha pàtria ameaçar escuto sempre.  
 Vêjo marchar contra ella irosas turmas,  
 Vêjo o consôrcio já, oh dor infanda!  
 Pôr-te o fôgo nas mãos para abraza-la.  
 Longe do campo, longe de vôs tôdos,  
 Sempre infeliz, desconhecida sempre,  
 Deixa occultar meu fado miserando,  
 De que inda êste chorar não diz metade.

*Achil.* Muito è, bella princêza. Vem com nôsco.  
 Vem, que ante os Grêgos te liberte Achilles;  
 Sêja da minha dita o dôce instante  
 Esse instante feliz de sêres livre.

## S C E N A V.

*Achilles, Clytemnestra, Iphigènia, Eriphile,  
Arcas, Egine, Doris.*

*Arc.* **S**enhôra, nada falta; vai-se ao rito.  
O rei a filha espera junto às aras:  
Venho-a buscar, ou antes teu appoio,  
Senhor, venho implorar em favor della.

*Achil.* Arcas, que dizes?

*Clytem.* Cêos! Que me annunciação?  
(*Arcas a Achilles*)

*Arc.* Sô vêjo em ti quem defendel-a possa.

*Achil.* Contra quem?

*Arc.* Com pezar o apponto, e accuso.

Quanto pude, guardei segrêdo infausto.

Mas ferro, venda, flamma, lá stá tudo.

Antes cahisse em mim êsse apparatus!

Convêm fallar.

*Clytem.* Eu tremo... Explica-te, Arcas.

*Achil.* Quem quer que sêja, falla, e não o temas.

*Arc.* Della tu és o amante, és mái tu della;

Não a mandeis ao pai essa princêza.

*Clytem.* Por que temel-o?

*Achil.* Desconfiar que dêvo?

*Arc.* Pâra a sacrificar no altar a espera.

*Achil.* Elle!

*Clytem.* A filha!

*Iphig.* Meu pai!

*Erip.* Cêos, que noticia!

*Achil.* Que cega fúria o pode armar contra ella?

Tal fallar, sem horror, ouvir-se pode?

*Arc.* Ah, Senhor, praza ao Cêo que eu duvidara!

De Calchas pêla voz o orac'lo a pede;

De outra victima a offerta êlle recusa;

E o Cêo, de Pâris thê então amigo,

Sô nos promette assim e Troia, e os ventos.

*Clytem.* O Cêo ordenará nefanda morte?

*Iphig.* Pâra tanto rigor que fiz, oh Deuses?

*Clytem.* Esse mandado cruel não mais me espanta,

Que chegar-me ao altar me prohibira.

(*Iphigênia a Achilles*)

*Iphig.* Eis o hymenêo, que me era destinado!

*Arc.* O rei, pâra enganar-vos, o fingia.

Inda illuso, qual vòs, è tòdo o campo.

(*Clytemnestra prostrando-se aos pès de Achilles*)

*Clytem.* Senhor, os joelhos teus abraçar dêvo...

(*Achilles levantando-a*)

*Achil.* Ah, Senhòra!

*Clytem.* Importuna glòria esquece.

Requer meu fado humilhação tão triste.  
Feliz, se te enternecem minhas lágrimas.

Sem còrar terna mãi se te ajôelha.

Ai! E' a espòsa tua, que te arrancão!

Nesta fausta esperança eu a educara.

Trazes-nos tu a tão funestos sítios,

E teu nome, Senhor, a guia à morte.

Irà ella, implorando os justos Divoz,

As aras abraçar do seu supplicio?

Sò a ti ella tem. Tu ès nest' hora

Seu pai, seu spòso, seu broquel, seus Deuses.

A dor, que te urge atroz, leio em teus olhos.

Junto do espòso teu te deixo, oh filha.

Espera-me, Senhor, não a abandones.

Do espòso pèrfido à presença còrro:

Não sustará as fúrias, que me animão.

Ou, se a seus golpes te roubar não posso,

Antes de ti me immolarão, oh filha.

## SCENA VI.

*Achilles, Iphigênia.*

*Achil.* **S**enhòra, mudo estou qual pedra immovel.

Falla comigo, conhece êlle Achilles?

Pensa por ti dever a mãi rogar-me?

Humilhar-se a meus pès uma rainha!

Deshonrarem-me injustos alaridos!

Pâra me enternecer verter-se pranto!

Quem mais do que eu guardar teus dias deve?

De certo ah! na fê minha confiar podem.



Diz-me respeito o ultrage: ouse-se tudo;  
Que eu da vida respondo unida à minha.  
Mas a dor, que me punge, adiante passa.  
Salvar-te è pouco, lá cõrro a vingar-te,  
E de um revez punir o infante enredô,  
Que armar-se contra ti de meu nome ousa.

*Iphig.* Ah, espota, Senhor, digna-te ouvir-me.

*Achil.* Que, Senhora! Que um bárbaro me insulte?  
Vê que o ultrage do irmão vingar-lhe cõrro,  
Sabe que, o voto dando-lhe primeiro,  
Vinte reis, seus rivaes, por mim commanda,  
E por cuidados meus, por meus trabalhos,  
Por tãdo o prêmio em fim de illustres palmas,  
Que oiro, vingança, glória devem dar-lhe,  
Gloriando-me, feliz, ser teu espôso,  
Sò a honra de ser teu lhe demandava.  
Com tudo hõje, perjuro, sanguinário,  
Pouco è violar as leis de amigo, e sangue:  
Pouco è querer mostrar-me sob o alfange  
Teu coração fumeando sôbre uma ara.  
Co' a pompa de hymenêo cobre o assassinio,  
E quer que eu sêja quem te guie à morte;  
Que esta crêduça mão dirija o ferro;  
Que sêja eu teu algoz em vez de espôso.  
Que tal achavas o hymenêo sanguento,  
Se eu mais um dia retardasse a vinda?  
Quê pois! A seu furor entregue agora,  
Debalde irias ao altar buscar-me;  
E morta fôras c'ò imprevisto alfange,  
Accusando meu nome de perfidia!  
Convêm desta traição, dêste attentado  
Pedir-lhe contas ante os Grêgos tãdos.  
Na honra do espôso tu interessada,  
Senhora, approvar deves meus designios.  
Convêm que o despiadôso, que me insulta,  
Conheça de que nome abusar ousa.

*Iphig.* Ai! Se me tens amor, se escutar queres,  
Por graça extrema, as sùpplicas da amante,  
E' agora, Senhor, da prova o tempo.  
Vê que o impiedôso, que attacar pertendes,  
O injusto, o inimigo, o sanguinário, o bárbaro,

- Vê, faça o que fizer, meu pai è sempre.  
*Achil.* Elle teu pai? Dêsde o hòrrido attentado  
 Sò por teu assassino o reconhêço.  
*Iphig.* E' meu pai, oh Senhor; inda to digo;  
 Um pai, que eu amo, um pai, que eu idolatro,  
 A quem sou cara, a quem thê hõje mêsmo  
 Sò dêvo de alto amor provas sem conto.  
 Minha alma, em tal respeito dêsde o bêrço,  
 E' fôrça que se affija de seus damnos.  
 Longe de agora, por mudança rápida,  
 O furor approvar de tua cõlera;  
 E longe de a inflamar com meus discursos,  
 Crê que è precizo amar como te eu amo,  
 Pâra poder soffrer os nomes hòrridos,  
 Com que ante mim o teu amor o ultraja.  
 E por que crês que bârbaro, e inhumano  
 Elle não chore o golpe, que me appresta?  
 Que pai do sangue seu folga privar-se?  
 Salvara-me êlle, se o fazer podera.  
 Eu vi correr seu pranto, não duvides.  
 E' justo condemnal-o antes de ouvil-o?  
 Ai! Em tantos hòrrôres já submerso,  
 Inda os teus òdios opprimil-o devem?  
*Achil.* Senhõra, entre rasões de horror extremo,  
 E' êsse o mêdo que a tremer te obrigã?  
 Um cruêl, (que outro nome dar-lhe posso?)  
 De Calchas pêlas mãos vai immolar-te;  
 E, quando a seu furor ternura opponho,  
 Pêlo socêgo seu è sò que anhelas!  
 Mudez me impões! E o escuzas! Tens dõ dêlle  
 Por êlle trêmes, e de mim tens mêdo!  
 Eis o meu triste amor! Essa è, Senhõra,  
 Tôda a entrada de Achilles em tua alma?  
*Iphig.* Ah cruêl! Esse amor, de que duvidas,  
 Em rebentar fazel-o tardei tanto?  
 Vês como impertubada, indifferente,  
 De minha morte ouvi sanguento annũcio:  
 Nem cor se quer perdi. Que tu não visses  
 Meu furor a que excesso voou hã pouco,  
 Quando, ao chegar, noticia enganadõra,  
 Hòrrida, me annunciou tua inconstancia!

Que insania! Que volcão de atras injúrias  
 Accusou de um revez homens, e Deuses!  
 Ah, sem eu to dizer, houveras visto  
 Quanto o amor teu piefiro à própria vida.  
 Quem sabe mesmo, quem, se o Céu irado  
 Poude o nímio soffrer da minha dita?  
 Ai! Eu julgava que tão dôce flamma  
 Além da sorte humana me elevava!

*Achil.* Oh Céos! Vive, princêza, ou eu não vivo.

### SCENA VII.

*Clytemnestra, Iphigènia, Achilles, Egeu.*

*Clytem.* **T**UDO, sem ti, Senhor está perdido.  
 Agamemnon me evita, e ver-me tême;  
 Approximar-me às aras me recusa.  
 Guardas por elle, ah bárbaro, postadas,  
 Passar em tôda a parte me prohibem.  
 Elle me fuge: a minha dor o atterra.

*Achil.* Stà bem, Senhóra; em teu lugar là côrro.  
 Elle vai ver-me, e tem de ouvir fallar-me.

*Iphig.* Ah, Senhóra! . . . Ah, Senhor, onde ir pertendes?

*Achil.* De mim que esperão teus injustos rogos?  
 Comtigo pugnarei sempre a primeira?

*Clytem.* Que intentas, filha?

*Iphig.* Em nome dèsses Deuses,

Detêm, Senhóra, um furiôso amante.  
 Evitemos tão hòrrida entrevista.  
 Senhor, exasperaras teus furôres.  
 Sei onde sabem de um amante as iras:  
 Zela meu pai a autoridade sua.  
 Quanto um A'trida è fero, è bem sabido.  
 Deixa fallar, Senhor, bôccas mais tímidas.  
 De certo surprehendido de eu tardar-lhe,  
 Buscar-me elle virà dentro de pouco.  
 Escutarà prantear a mái afflicta.  
 Que não me inspirará a ansiosa ideia  
 Do chôro prevenir commum a tôdos,  
 De excessos te poupar, por ti ter vida!

*Achil.* Tu o queres em fim. Teu gosto cumprio.  
 Consêlho salutar proponde-lhe ambas ;  
 A' rasão o chamaí, persüadi-o  
 Por vós, por meu descanso, e o seu mais inda.  
 Em frívolo fallar momentos perco ;  
 São precisas acções, e não palavras.

(a *Clytemnestra*)

Senhõra, a te servir vou dispor tudo.  
 Vai na câmara tua repoizar-te,  
 Vivirá tua filha, eu to predigo.  
 Crê pelo menos, crê, que em quanto eu viva  
 Debalde os Deuses lhe decretão morte.  
 Meu orac'lo è mais certo que o de Calchas.

Fim do Terceiro Acto.

## A C T O IV.

## S C E N A I.

*Eriphile, Doris.*

*Doris.* **A**H, que me dizes? Que extranhada insania  
Faz ter-te inveja de Iphigênia infausta?  
Dentro de uma hora expira. E nunca foste,  
Dizes, de sua dita mais zelosa.

*Erip.* Quem o crerá, Senhõra? Quem tão duro...  
Nunca se te escutou mais sã verdade:  
Nunca, turbada a mente a afflicções tantas,  
Mais ardente invejei della a ventura.  
Faustos perigos! Esperança inutil!  
Na ânsia de Achilles não lhe viste a glòria?  
Bem certos vi signaes; fugi furiosa.  
Heroe, que è tão tremendo ao mundo inteiro,  
Que sò conhece os choros, que motiva,  
Que aos choros desde o bérço è insensivel,  
È que, se a voz commum nos não illude,  
Mêsmo o sangue mamou de Liões, e de Ursos,  
Apprendeu a temer c' o prigo della;  
Ella chorar o vio, turbar-lhe o rosto.  
E dõ tens della, oh Doris? Quantos males  
Por tal choro usurpar-lhe eu não soffrêra?  
Se eu, como ella, expirasse antes de uma hora...  
Mas que digo? Expirar? Morrer não ha de.  
Crês tu que, sepultado em vil lethargo,  
Perdêra em vão a cor por ella Achilles?  
Achilles della ao mal porã estorvos.  
Verás que o Cêo dictou o tôrvo oráculo  
Sõ para alhear-lhe a glòria, e o meu tormento,  
E mais bella a mostrar do amante aos olhos.  
Quê pois! Não ves o que se faz por ella?  
Supprime-se do Cêo mortal sentença,  
E, pôsto prompta a pyra já flammêja,  
Inda o nome da victima se ignora.

E

De nada sabe o campo. A tal silêncio  
 Não vês tu que indeciso um pai vacila?  
 E que ha de elle fazer? Que ânimo duro  
 Assaltos susterá, que lhe preparão?  
 Furor da mãe, as lágrimas da filha,  
 A desesperação da prole inteira,  
 O sangue, que em tal caso fácil cede,  
 Achilles vingador quasi a atterral-o . . .  
 Não, digo-to eu; o Cêo condemna-a 'embalde.  
 Sou, e serci a sô desventurosa.  
 Ah, se eu crêsse em mim mesma!

*Doris.* Que meditas?

*Erip.* Não sei quem me tem mão, retêm-me a fúria  
 Para não ir correr, com prompto aviso,  
 Dos Deuses divulgar a grave ameaça,  
 E estas infandas tramas pôr patentes,  
 Contra elles, e os altares perpetradas.

*Doris.* Ah, que intenção, Senhõra!

*Erip.* Ah, que alegria!  
 Que incenso não ardêra em Trôicos Templos!  
 Se, por vingar-me, eu, intrigando os Grêgos,  
 Agamemnon armara contra Achilles;  
 Se seu ódio, esquecendo a Teucra injúria,  
 Nêlles cravara o arpão, que buído a ameaça;  
 Se, com tórvo rumor, do campo inteiro  
 Eu dera à pátria um fausto sacrificio!

*Doris.* Oíço ruído. Vem gente: è Clytemnestra.

*Erip.* Torna, Senhõra, a ti, ou fuge della.  
 Entremos. Por obstar consòrcio odiôso  
 Consultemos furor, que os Cêos aproveem.

## SCENA II.

*Clytemnestra, Egine.*

*Clytem.* **E** Gine, tu a ves convêm fugir-lhe.  
 Bem longe de chorar, tremer da morte,  
 Desculpa a filha ao pai, e quer que eu inda  
 Respeite a mão, que o coração lhe punge.  
 Oh constancia! Oh respeito! O monstro na ara  
 De tarda a increpa em prêmio da ternura!

Espero-o. Elle virà tomar-me contas :  
 Cobrir a vil traição crê poder inda.  
 Eil-o. Sem impugnar sua injustiça,  
 Vejamos se sustêm o ardil infame.

## S C E N A III.

*Agamemnon, Clytemnestra, Egine.*

*Agam.* **Q**UE fazes tu, Senhõra? E nêstês sítios  
 Por quê não tens comtigo a filha tua?  
 Por Arcas te ordenei mandal-a às aras:  
 Ella que espera? E's tu que a retardaste?  
 A meus justos dezêjos não te prestas?  
 Ella aos altares ir sem ti não pôde?  
 Falla.

*Clytem.* Partir se è fôrça, eil-a já prompta.  
 E a ti, Senhor, a ti nada te embarga?

*Agam.* A mim, Senhõra?

*Clytem.* Já tudo apprestaste?

*Agam.* Calchas là stà, Senhõra, e o altar ornado.  
 Faço o que jus legítimo me ordena.

*Clytem.* Da vîtima, Senhor, tu não me fallas?

*Agam.* Que me queres dizer? Que zêlo ansiôso . . .

## S C E N A IV.

*Agamemnon, Clytemnestra, Iphigènia, Egine.*

*Clytem.* **V**EM, filha minha, vem, que sò te aguardão:  
 Vem pelo seu amor ao pai dar graças,  
 E que mêsmo te guiar pertende às aras.

*Agam.* Que vêjo! Que discurso! Oh filha! E choras!  
 Tímidos baixas ante mim os olhos!  
 Que desorde! Eis em pranto a mãi, e a filha!  
 Ah, tu trahiste-me, Arcas . . .

*Iphig.* Não te assustes;  
 Meu adorado pai, não ès trahido.  
 Sempre obedecer-te-hão quando o ordenares.  
 Tenho a vida de ti: de nôvo a queres?

Teu mando faz ouvir sem mais rodeios.  
De ar tão contente, e peito tão submisso  
Como accitava o espôso, que me deste,  
Mansa vítima irei, se é necessário,  
Dar de Calchas ao ferro o collo puro,  
E, respeitando o golpe, que me ordenas,  
O sangue, que me deste, restituir-te.

Mas se esta submissão, se este respeito  
O crês merecedor de outros destinos,  
Se a dor da mãe chorosa compadecees,  
Soffre que eu diga que bastantes honras  
No estado meu talvez me circundavão  
Para eu não dezejar perder a vida;  
Nem que, extorquindo-ma, o severo fado  
Me urdisse o fim tão perto da nascença.  
Filha de Agamemnon, eu, a primeira  
Te dei, Senhor, de pai o doce nome;  
Sou eu, que, sempre o gôzo de teus olhos,  
De tal nome te fiz aos Céos dar graças;  
E a quem, tuas carícias prodigando,  
Mostraste tanta vez do sangue o debil.

Ai! Com prazer fazia repetir-me  
Tôdos, que ãs domar, vastos paízes,  
E, presagiando já de Ilio a conquista,  
Da alta victória a festa eu preparava;  
Nem me occurría que, encetando as mortes,  
Para o ganhares, fôsse adiante a minha.

Não que o medo do golpe, que me espera,  
Me urja a lembrar-te o teu amor passado.

Nada temas. Zelosa da honra tua,  
Nunca envergonharei um pai tão nobre;  
E se eu sô minha vida defendêsse,  
Saudade suffocara tão pungente:

Mas a meu triste fado a mãe, o amante,  
Tu bem sabes, Senhor, prendeu seu fado.  
Um rei digno de ti creu ver o dia,  
Que nosso alto hymenêo abrilhantasse.

Seguro em meu amor, que eu dera ao d'elle,  
Já se cria feliz: tu mo outorgaste.

Sabe elle o teu querer; seu terror julga.  
Vês minha mãe, o pranto vês correr-lhe.



Esforços, que tentei, Senhor, perdôa :  
 Tentei pranto evitar, que vou causar-lhes.  
*Agam.* Bem certo è, filha minha. Ignoro o crime,  
 Por que victima peça a ira dos Deuses.  
 Nomearão-te elles. Quer infando oráculo  
 Que o sangue teu aqui as aras tinja.  
 Por das sanguentas leis guardar-te a vida  
 O meu amor não te esperou as preces.  
 Não te direi o quanto hei resistido ;  
 Acredita êste amor, que mêsmas attestas.  
 Inda esta noite, deves já sabel-o,  
 As ordens revoguei por força dadas.  
 Eu já te preferia a Grécia inteira.  
 Arriscava por ti meu cargo, e sangue.  
 Do campo Arcas partio vedar-te a entrada.  
 Que elle te não achasse os Céos quizerão ;  
 Do infeliz pai cuidados illudirão,  
 Que em vão se oppunha o seu mortal decreto.  
 Em meu fragil poder nada confies.  
 Que freio sustar pode ao pôvo a audacia,  
 Se, dêlle ao louco zêlo os Céos nos dando,  
 Do jugo o livrão, que a pezar trazia ?  
 Fôrça è, filha, ceder. Chegou tua hora.  
 Vê em que erguido grão fôste educada.  
 Dou-te um consêlho, que de dor me parte.  
 Tu morres menos que eu c' o infando golpe :  
 Mostra, expirando, de que prole és filha ;  
 Faze os Deuses cõrar, que te condemnão.  
 Vem. Reconhêça a Grécia, que te immola,  
 No sangue teu de Agamemnon o sangue.  
*Clytem.* Tu não desmentes tua raça odiosa ;  
 Sim, o sangue tu és de Atreo, e Thyeste.  
 Algoz da filha, em fim não mais te resta  
 Que à mãe a dares em banquêta horrivel.  
 Bárbaro ! E' êste o fausto sacrificio,  
 Que preparavas com ardís tão nêgros !  
 Quê ! O horror de approvar o atroz decreto  
 Não te retêve a mão quando o traçaste !  
 Por que fingir-nos tal tristêza futil ?  
 Crês com prantos provar tua ternura ?  
 Onde essas pugnas stão, que deste em campo ?

Quaes por ella espalhaste ondas de sangue?  
 Que destrôzo aqui marca os teus debates?  
 Qual campo em mortos farto à mudez me urge?  
 Com testemunhas taes provar convinha,  
 Cruel, que teu amor tentou salvar-a.  
 Orac'lo horrendo ordena que ella expire:  
 Em tudo quanto diz è certo o orac'lo?  
 O Cêo, o justo Cêo com mortes se honra?  
 Sequiôso elle è do sangue da innocencia?  
 Se deve a prole expiar de Helena o crime,  
 De Sparta venha sua filha Hermiône.  
 Resgatar Menelão deixa, a tal preço,  
 A infame espôsa, que ama descarado.  
 Mas tu por que furor ès della a victima?  
 Por que do crime seu te impões a pena?  
 Por que mêsmo eu, rasgando-me as entranhas,  
 De meu sangue co'a flor pagar-lhe a insania?  
 Que digo? Esse motor de tantos zêlos,  
 Essa Helena, afflicção da Europa, e da A'sia,  
 A crês das acções tuas digno prêmio?  
 Quantas vêzes corâmos a seus crimes?  
 Mão nõ a teu irmão sem inda unil-a,  
 Roubal-a ousou Theseo do pàtrio asilo.  
 Sabes, Calchas mil vêzes to tem dito,  
 Que hymen occulto abriu seu leito ao príncipe,  
 E que elle houve em penhor uma princêza,  
 Que a mãi della escondeu à Grécia inteira.  
 Mas não: o amor do irmão, a honra lesada  
 São as rasões menores que te appressão;  
 A sêde de reinar inextinguível,  
 O orgulho em ver reis vinte sob teu mando,  
 Do impêrio tôdo a sorte a ti confiada,  
 Cruel, os Deuses são, a quem immolas;  
 E, longe de impedir golpe horrorôso,  
 Queres ter nêlle um mérito execrando.  
 Nímio avaro de um grão, que perder podes,  
 Do proprio sangue, oh monstro, vas pagal-o;  
 E a preço queres tal sustar a audácia  
 De quem taes honras disputar te possa.  
 E' isso o que è ser pai? Ah! Que perfidia!  
 E' tão tyranna que me aliena a mente!

Entre turmas crüeis um sacerdote  
 Contra a filha erguer-me-hà mão criminosa !  
 Seu seio rasgarà ! Curioso os Deuses  
 Consultar-lhe-hà no coração tremente !  
 E eu , que a trouxe adorada , triumpante ,  
 Daqui tornarei sò , desesperada !  
 Os caminhos verei inda cheirosos  
 Das flôres , que por ella os tapissavão !  
 Não : ao supplicio atroz eu não a guiava ,  
 Onde hóstia dupla immolaràs aos Grêgos.  
 Nem respeito , ou temor pode affastar-me :  
 Arrancar-ma-hão dos braços sanguentados.  
 Bãrbaro espôso , pai fervendo em crimes ,  
 Roubal-a à própria mãi vem , se te atreves.  
 Eis teu caminho , oh filha , e a meus preceitos ,  
 Pêla vez derradeira , inda obedece.

## S C E N A V.

*Agamemnon só.*

**N**ÃO devia esperar menos fúrdres.  
 Eis , eis os gritos , que eu ouvir temia.  
 Feliz , se na confusa mente ondeante  
 Nada mais que êstes gritos eu temêsse !  
 Ai ! Impondo-me lei tão inhumana ,  
 Por que deixar-me , oh Cêos , o amor paterno !

## S C E N A VI.

*Achilles , Agamemnon.*

*Achil.* **C**Hegou rumor estranho a meus ouvidos ,  
 Senhor ; digno de fê não o hei julgado.  
 Diz-se , e não posso sem horror contal-o ,  
 Que por teu mando expira hõje Iphigénia ;  
 Que tu , soppeando humanos sentimentos ,  
 Tu , por tua mão mêsmã a deste a Calchas :  
 Diz-se que , em nome meu chamada às aras ,  
 Eu là pâra a immolar sou quem a guio ;  
 Que , por falso hymenêo tu illudindo-nos ,

- Tão vergonhoso cargo ousas confiar-me.  
Que dizes tu, Senhor? Que pensar dêvo?  
Rumor não callarás, que te deshonra?
- Agam.* Conta não dou, Senhor, de meus designios.  
Meus rêgios mandos minha filha ignora;  
E quando tempo for que ella os conheça,  
Seu fado saberás, dil-o-hei no exército.
- Achil.* Ah, o fado eu já sei, que lhe reservas!  
*Agam.* Se o sabes já, Senhor, por que o perguntas?  
*Achil.* Por que o pergunto? Oh Cêo! E crê-lo posso?  
Que o mais negro furor confessar se ouse!  
Crês que, approvando teu designio odiôso,  
Immolar ante mim te eu deixe a filha?  
Que a fê minha, o amor meu, minha honra o sôffra?
- Agam.* Mas tu, que em tom de ameaça ousas fallar-me,  
A caso esqueces tu quem interrogas?
- Achil.* E esqueces tu que eu amo, e que me ultrajas?  
*Agam.* Quem a teu cargo poz minha família?  
De uma filha sem ti dispor não posso?  
Cessei de ser seu pai? És tu seu spôso?  
E não pode ella . . . .
- Achil.* Não; não mais è tua.  
Não me deixo illudir com vãs promessas,  
Tanto que o último sangue em mim circule.  
Tinhas de à minha unir a sorte della:  
Meu jus defenderei, que me juraste.  
Não foi por mim que lhe ordenaste a vinda?
- Agam.* Queixa-te aos Deuses, pois que ma demandão.  
Accusa Calchas, tôdo o campo accusa,  
Ulysses, Menelão, e a ti primeiro.
- Achil.* A mim!  
*Agam.* A ti, que da A'sia a posse anhelas,  
E o Cêo, que te detêm, continuo insultas:  
A ti, que te offendeu meu justo medo,  
E hás no campo espalhado os teus furôres.  
Meu amor de a salvar te abriu caminho;  
Mas tu sô queres, tu sô buscas Trôia.  
Fechei-te o campo onde correr pertendes.  
Querel-o? Parte: eis to abre ella co' a morte.
- Achil.* Cêo justo! E escuto, e sôffro estas blasfêmias!  
E' assim que ao perjúrio o ultraje ajuntas?

Eu, partir eu à custa de seus dias ?  
 E essa Trôia, onde vou, em que me offende ?  
 Que interesse me chama a seus baluartes ?  
 Por que, da Deusa mãe à voz eu surdo,  
 Do afflicto pai conselhos desprezando,  
 Buscar a morte vou tanto predicta ?  
 Algumas nãos das ribas do Scamandro  
 Surgir ousarão de Thessália em terras ?  
 Ou vil rapto em Larisso perpetrando,  
 Roubar-me veio alguém irmã, ou spôsa ?  
 Quaes queixas tenho ? Que è das pêrdas minhas ?  
 Eu sò por ti lá vou, bárbaro monstro ;  
 Por ti : dos Grêgos sou quem to não deve.  
 Tu, que eu fiz eleger seu, e meu chefe,  
 Tu, que esta mão vingou com Lèsbias chammas  
 Antes que teu exército juntaras :  
 Qual o motivo foi, que urdio a alliança ?  
 Não vamos restituir Helena ao spôso ?  
 Dêsde quando se crê que, a mim inutil,  
 Eu me deixe roubar a spôsa, que amo ?  
 Sò teu irmão, picando-o vil affronta,  
 Do amor vingar lesado tem direitos ?  
 A tua filha amei, fui della amado ;  
 Nella depositei meus juramentos.  
 Feliz com sua mão, nãos, armas, tropas,  
 Tudo lhe dei, e a Menelão dei nada.  
 Prosiga êlle, se quer, roubada a spôsa ;  
 Reservada a meu sangue busque a glória ;  
 Nem Príamo conheço, Helena, ou Páris :  
 Quero-te a filha ; è sò por quem eu parto.  
 Foge pois. Corre a ver tua Thessália.  
 Do juramento o nõ mèsmo eu to annullo.  
 Muitos outros virão, sob o meu mando,  
 Ornar-se dos laureis, que te aguardavão ;  
 E por altas acções forçando a forte,  
 Os momentos fataes acharão de I'lio.  
 Vislumbro o teu desprêso, e julgo, ouvindo-te,  
 Quão caro eu compraria os teus soccorros,  
 Tu árbitro da Grécia já te ostentas ;  
 Seus reis, a crer-te, derão-me um vão título.  
 Fero de teu valor, queres que o Mundo

Sob leis tuas se curve, e marche, e trema.  
 Lançar-se em rôsto um bem è sempre affronta.  
 Quero eu menos valor, mais obediencia.  
 Foge. Tua ira fútil nada temo:  
 Rompo tôlos os nòs, que a ti me ligão.  
*Achil.* Dà graças ao sò nò, que me obsta a fúria.  
 De Iphigênia inda o pai em ti respeito.  
 De reis tantos o rei, sem êste nome,  
 Quiçà por vez final me enxovalhasse.  
 Resta-me um sò dizer; couvêm-te ouvil-o.  
 Defendo tua filha, e a minha glòria.  
 Pára ir ao coração, que pungir queres,  
 Eis por onde abrir debes teu caminho.

*(à palavra Eis põe com impeto a mão sôbre o peito.)*

## SCENA VII.

*Agamemnon sô.*

**E**IS o que lhe urde inevitavel pèrda.  
 Sô Iphigênia mais temivel fôra.  
 Teu insolente amor, crendo espantar-me,  
 Appressa o golpe, que sustar intentas.  
 Não mais deliberar. Arrosto-lhe a ira.  
 Minha glòria empenhada tem mais pèzo.  
 Achilles por feroz picou meu brio;  
 Minha piedade parecêra mêdo.  
 Holà, Guardas.

## SCENA VIII.

*Agamemnon, Euribato, Guardas.*

*Eurab.  
 Agam.*

**S** Enhor. Que fazer ousou?

Posso-lhe pronunciar sanguento aviso?  
 Pára que pugnas, cruel, convêm munir-te?  
 Qual inimigo êste è, que lhes entregas?  
 A mãi, a mãi intrépida me espera,  
 Que do pai homicida ha de escudal-a.

Menos bárbaros que eu verei soldados  
 A filha de seu rei honrar submissos.  
 Fero ameaça-me Achilles, tem-me em nada.  
 Mas da filha a obediência acaso affroixa?  
 Minha filha, do altar fugir tentando,  
 Do golpe gême, que eu ergui contra ella?  
 Monstro! Um zêlo sacrilego que intenta?  
 Que voto hei de fazer-lhe ao ver seu sangue?  
 Por gloriôso que for prêmio outorgado,  
 Regados com seu sangue amarei loiros?  
 Quero maciar do Cêo o poder summo.  
 Ah! Que Deus mais cruél do que eu me fôra?  
 Não posso. Eu cêdo ao sangue, a amor eu cêdo:  
 Não mais eu core de piedade justa.  
 Viva ella . . . Que? Da glòria pouco avaro  
 Deixarei a victòria ao fero Achilles?  
 Seu temerário orgulho, a quem dou fôrças,  
 Crerà que lhe cedi, que fez tremer-me.  
 Que tão frívolo estôrvo me embaraça?  
 O audaz Achilles humilhar não posso?  
 Rale-lhe o coração mêsmo Iphigênia.  
 Tem-lhe êlle amor: vel-a-hà nos braços de outro.  
 A princêza, e a rainha chama, Euribato.  
 Não mais tem que temer.

# SCENA IX.

*Agamemnon sô.*

**C**ÊO! Se o teu ódio  
 Insta em dos braços meus querer rouba-la,  
 Diante de ti que pôde o fraco Mundo?  
 Longe de a soccorrer, eu, pai, a opprimo;  
 Bem sei. Mas, alto Cêo, uma tal victima  
 Vale que, confirmando improbas ordens,  
 Tu inda vez segunda ma demandes.

## S C E N A X.

*Agamemnon , Clytemnestra , Iphigènia , Eriphile ,  
Euribato , Doris , Guardas.*

*Agam.* **V**AI, vai, Senhõra; cuida-lhe a existencia.  
Eis tua filha, leva-a, eu ta confio:  
Corre bem longe desta acerba margem.  
Meus Guardas vão-te apõz às ordens de Arcas.  
A imprudencia feliz eu lhe disculpo.  
Da pressa, e do segrêdo pende tudo.  
Calchas, e Ulysses inda não fallarão.  
Cuidado; elles tal fuga não aventem.  
Esconde a filha bem; o campo julgue  
Que a guardo eu junto a mim, que tu te ausentas.  
Foge. Ao Cêo praza, farto de meu chõro,  
Roubar-ma' longo tempo aos' tristes olhos.  
A rainha segui.

( *para os Guardas* )

*Clytem.*

Senhor!

*Iphig.*

Pai caro!

*Agam.*

De Calchas preveni a ansia severa.  
Fugi, fugi. Eu vou, pâra bem vosso,  
Com fingidas rasõs tecer-lhe enganos.  
Vou fazer suspender funesta pompa,  
E pedir-lhe me cêda o resto de hõje.

## S C E N A XI.

*Eriphile , Doris.*

*Erip.* **S**Egue-me, Doris. O caminho è este.

*Doris.* Tu não as segues?

*Erip.*

Ai! Em fim succumbo!

Da ternura de Achilles vêjo o effeito.  
Não mais suffocarei inutil raiva.  
Cessem rasões. Môrra eu, ou lhe urda a morte.  
Vem presto. Descobrir vou tudo a Calchas.

Fim do Quarto Acto.



## A C T O V.

## S C E N A I.

*Iphigênia , Egeine.*

*Iphig.* **N**ÃO mais me sustes. Vai, minha mãe busca, Egeine; é força aos Céos maciar a cólera. Por meu sangue infeliz, que ousão roubar-lhes, Vê que negra a tormenta a cair prestes.

O estado triste da raíña observa:

Obstando-nos a fuga eis tôdo o campo.

Com que insolencia em tôda a parte os dardos

Fizerão relampear a nossos olhos!

Batida a guarda, minha mãe desmaia . . .

Ah, muito a exponho; deixa-me fugir-lhe!

E, sem atter-me a seus soccorros fúteis,

Deixa de seu lethargo aproveitar-me.

Meu pai mesmo, ai! Pois que dizer-to é força,

Meu pai, salvando-me, a expirar me obriga.

*Egeine.* Elle, Senhora! Qué! Que atro successo . . .

*Iphig.* Talvez o ardente Achilles o offendêsse.

Tem-lhe ódio o rei, e quer que ódio eu lhe tenha.

Deu a meu coração pena tão hõrrida;

Por Arcas me explicou as ordens suas,

Egeine, e mais fallar-lhe me prohihe.

*Egeine.* Ah, Senhora!

*Iphig.* Ah, sentença! O'dio inaudito!

Cêo, tu mais brando a vida sò me pedes!

Obediente morramos. Mês que vêjo!

Deuses, Achilles!

## S C E N A II.

*Achilles , Iphigênia.*

*Achil.* **V**EM, Senhora; segue-me.

Gritos não temas, nem as fúteis turmas,

Que desta tenda em derredor se appinhão.

Parece. Os golpes meus não aguardando,  
 Logo se te abre essa onda tumultuosa.  
 Patroclo, e inda mais chefes meus amigos,  
 Lã te trazem a flor de meus Thessálios;  
 E, junto a meus pendões o resto em armas,  
 Nas fileiras te dão muro invencível.  
 Tal azilo oppor quero a teus algôzes;  
 Venhão buscar-te aos pavilhões de Achilles.  
 E' êsse o auxilio, que me dás, Senhora?  
 E' com prantos que agora me respondes?  
 Inda confias em tão fracas armas?  
 Demos pressa. Teu pai já vio teu chôro.  
 Bem sei, Senhor. Assim minha esperança  
 E' sô na morte; resignada a acceito.

*Achil.* Tu morrer! Tu? Ah, cessa tal language!  
 Peza que juramento nos enlaça.  
 Peza, pâra evitar mais vãos discursos,  
 Que a minha dita de teus dias pende.

*Iphig.* Ô Cêo aos dias desta desgraçada  
 A dita não ligou da tua sorte.  
 O amor nos enganava, e o fado ordena  
 Que a minha morte brote a tua dita.  
 Vê, Senhor, vê colheitas de altos loiros,  
 Que a Glôria off'rece a tuas mãos valentes.  
 Ô campo honrôso, a que aspiraes vòs tôdos,  
 Se meu sangue o não rega, esteril fica.  
 Eis a lei, que a meu pai os Cêos dictarão.  
 Debalde a regeitou, foi surdo a Calchas.  
 Os Grêgos, contra mim já conjurados,  
 Nimio dizem dos Cêos decreto eterno.  
 Parte; que as honras tuas eu te estorvo.  
 Tu mêsmo salva a fê de teus oráculos.  
 Ver deixa o herde à Grécia promettido;  
 Nos inimigos seus tua dor vinga.  
 Já Priamo a cor perde; e Trôia em susto  
 Vê minha pyra arder, trême a teu pranto.  
 Vai; e nos muros seus vazios de homens,  
 Faze chorar-me a morte às Teucras viuas.  
 Nesta esperança môrro satisfeito.  
 Se eu não pude viver spôsa de Achilles,  
 Espero ao menos que potvir famoso

A teu nome immortal junte o meu nome ;  
 Que a minha morte , à tua glòria origem ,  
 Primo facto será dessa alta història.  
 Dos Deuses digna prole adeus , e vive.

*Achil.* Não , não acceito teu adens funesto.  
 Em vão tua atra astúcia , com taes vozes ,  
 Serve teu pai , minha ternura illude.  
 Em vão pertendes , obstinada à morte ,  
 Em tanto crime interessar-me a glòria.  
 Taes colheitas de loiro , honras , conquistas ,  
 Servindo-te , esta mão as acha promptas.  
 E quem de meu favor quizera honrar-se ,  
 Se não vale a te dar prompto consòrcio ?  
 Minha glòria , o amor meu viver te ordenão.  
 Vem Senhora ; convém crer-me , e seguir-me.  
*Iphig.* Quem ? Eu ? Que eu , contra o pai me revoltando ,  
 Merêça a morte , que evitar quizera ?  
 Onde o respeito fôra , e o dever summo . . .

*Achil.* Segues o spòso que êlle te outorgara ;  
 Título em vão que me roubar êlle insta.  
 Sò para êlle os violar faz juramentos ?  
 Tu mêsmo , tão severa em teus devêres ,  
 Quando êlle a mim te deu , teu pai não era ?  
 Seus despòticos mandos tu sò segues ,  
 Quando já não è pai , e algoz se ostenta ?  
 Muito tardas , pryncêza , e meus temôres . . .

*Iphig.* Quê , Senhor ? Iràs tu thê violentar-me ?  
 De igneos transportes escutando os crimes ,  
 Coroarias assim minhas desgraças ?  
 Minha vida em mais tens que a minha glòria ?  
 De Iphigênia infeliz , ah ! Compadece-te !  
 Sujeita a lei , que respeitar eu dêvo ,  
 Já falto a meu dever dando-te ouvidos.

Tua injusta victòria não prosigas :  
 Ou , por mim immolada à minha glòria ,  
 Livrar-me saberei , em taes extremos ,  
 Do generôso auxilio , que me prestas.

*Achil.* Bem està. Nada mais. Cruêl , ob'dece ,  
 E busca a morte , que tão bella a antolhas.  
 Leva a teu pai um peito , onde eu vislumbro  
 Mais odio contra mim que amor por êlle.

Legítimo furor embêbo na alma.  
 Vós ao altar, Senhora, e eu já lá cõrro.  
 Se està sfaimado o Cêo de sangue, e mortos,  
 Nunca fumou mais sangue em seus altares.  
 Meu amor cego legitima tudo.  
 Immolarei primeiro o sacerdote.  
 Prostrada a pyra, sôta em mil pedaços,  
 Farei nadal-a em sangue dos algôzes.  
 E, se no horror desta desorde extrema,  
 Teu pai ferido cahe, e mêsmo morre,  
 De teu respeito então vendo o agro fructo,  
 Golpes, que dirigiste, reconhece.

*Iphig.* Ah, Senhor! Ah, cruêl!... Mês foge, e escapa-me.  
 Tu, que queres que eu morra, eis-me sô, fere,  
 Finda-me, justo Cêo, o horror, e a vida,  
 Lança raios, que sô em mim se empreguem!

### SCENA III.

*Clytemnestra, Iphigênia, Egine, Eurybato, Guardas.*

*Clytem.* **S**IM, eu defendel-a-hei de tôdo o exêrcito.  
 Cobardes, atraíçoes rainha oppressa!

*Eury.* Não, Senhora; commanda-nos, e basta:  
 Combattendo, a teus pês morrer sabemos.  
 Mas de tão fracas mãos que esperar podes?  
 Quem basta contra tantos inimigos?  
 Não è já louco pôvo amutinado,  
 E' de atro zêlo o campo inteiro cego.  
 Foi-se a piedade; sô Calchas impera.  
 Fanática impiedade exige a victima.  
 De seu poder privar-se o rei observa,  
 Mêsmo ceder nos manda ao tôrvo impulso.  
 Achilles, que urge tudo, Achilles fôra,  
 Em tal tormenta, de valor baldado.  
 Que farà êlle? E quem decipar ouse  
 Tão grande vaga hostile prompta a sorvel-o?  
*Clytem.* Venhão provar em mim seu impio zêlo:  
 Arranquem-me da vida o curto resto.  
 A morte, sô a morte os nòs estrague,

Que vou travar c'os braços meus, e os della.  
 Primeiro de meu corpo ir-se-hà minha alma  
 Que eu sóffra nunca... Ah, filha!

*Iphig.*

Ah, mãe querida!

Sob qual astro cruél à luz mostraste  
 De tão extremo amor o triste objecto?  
 Porém no caso actual que fazer podes?  
 Tu tens a combatter homens, e Deuses.  
 Expor-te-hàs contra um pòvo furibundo?  
 Não vãs em campo, que te affronta o espôso,  
 Unica a me reter em vão teimosa;  
 E talvez por soldados maltratada,  
 Por tódo o fructo dar de infauto esforço  
 Scena a meus olhos mais cruél que a morte.  
 Vai. Que a Grécia em furor sua obra accabe,  
 E esta marge infeliz eterno deixa.  
 Da pyra, que me espera aquí visinha,  
 Terás de ver a nêgra claridade.  
 Se amor me tens, de mãe pêlo amor terno,  
 Nunca ao pai minha morte reprehendas.

*Clytem.* Elle, que o coração te off'rece a Calchas?

*Iphig.* Que não tentou por dar-me a tuas lágrimas!

*Clytem.* Com que traição me illudes, oh tyranno!

*Iphig.* Elle me tem dos Cêos, aos Cêos me entrega.

Tódo o fructo de amor em mim não perdes.

Possues outros nòs, que ao pai te enlação.

Tens minha image em meu irmão Orestes:

Sêja elle, oh Cêos, à mãe menos funesto.

Dêsse pòvo impaciente ouve o alarido.

Abre-me os braços teus a vez extrema,

Senhõra; e, recorrendo à alta virtude...

Eurybato, ao altar conduze a victima.

#### SCENA IV.

*Clytemnestra, Egine, Guardas.*

*Glytem.* **N**ÃO, tu não irás sò; e eu não pertendo...  
 Mas que atra multidão me embarga os passos?  
 Falsos, fartai a sede sanguinária.

*Egine.* Onde, Senhora, corres? E que intentas?

*Clytem.* Ai! Inuteis esforços me consomem!  
Eis turbulento o horror, que apenas deixo!  
Morrerei tanta vez antes da morte!

*Egine.* Ah, sabes tu, Senhora, o crime, o engano?  
E de quem? Sabes tu que serpe cruenta  
Iphigênia affagou no seio puro?  
Trazida aqui por ti a falsa Eriphile,  
Única aos Grêgos tua fuga dice.

*Clytem.* Oh monstro, abôrto da feroz Megera!  
Monstro, que em nossos braços poz o Inferno!  
Quê! Tu não morrerás? Teu crime horrendo...  
Mas onde vai buscar minha dor vîtimas?  
Para as mil não tragar, tragar os Grêgos,  
Oh mar, não abrirás novos abismos?  
Quê! Lançando-os do pôrto, que os encerra,  
A Aulide, e vomitando a frota infanda,  
Esse vento accusado há tanto, o vento  
De espedaçadas não cobrir não te ha de?

E tu, oh Sol, e tu, que nêstes sítios  
De Atreo o herdeiro, e o filho reconheces;  
Tu, que ao pátrio banquêta a luz negaste,  
Recua; tal horror êlles te ensinão!

Mas eis que... Oh Cêo! Oh mãe desventurosa!  
Coroada a filha de festões horrendos,  
Dá collo ao ferro pêlo pai erguido!  
Vai Calchas em seu sangue... Esperai, bárbaros!  
Puro sangue è do Deus, que lança o raio.  
Eis que ronca o trovão, e trême a terra.  
Um Deus, Deus vingador seus golpes trôa.

## SCENA V.

*Clytemnéstrá, Egine, Arcas, Guardas.*

*Arc.* **S**enhora, è certo, um Deus por ti combatte.  
Achilles nêste instante è teu appoio.  
Rompeu dos Grêgos a barreira fragil.  
Achilles stã no altar. Sem tino è Calchas.  
O fatal sacrificio inda è suspenso.

Ameação, correm, geme o ar, brilha o ferro.  
 De tua filha em tórno arranja Achilles  
 Tôdo o bando fiel de seus amigos.  
 Timido Agamemnon, triste a tal scena,  
 Para não ver as mortes, que se agoira,  
 Ou por cobrir seu pranto, o rôsto occulta.  
 Vem, pois que elle se calla, vem o auxilio  
 Co' a voz tua appoiar do heroe Achilles.  
 Co' as pròprias mãos fumando em sangue tinctas  
 Quer pôr nos braços teus a sua amante:  
 Elle me encarregou de guiar teus passos.  
 Não temas.

*Clytem.* Eu temer! Corramos, Arcas!  
 Não perderei a cor ao maior p'riço.  
 A tôda a parte irei. Cêos! Vêjo Ulysses?  
 E' elle! Arcas, tarde è: morreu-me a filha.

## SCENA ULTIMA.

*Ulysses, Clytemnestra, Arcas, Egine, Guardas.*

*Ulys.* **N**ÃO, Senhora; ella è viva, e o Cêo contente.  
 Socega. Os justos Deuses ta concedem.

*Clytem.* Ella è viva! Ah! E és tu que vens dizer-mo!

*Ulys.* Sim, Senhora, sou eu, que longo tempo  
 Contra ella, contra ti firmei teu spôso;  
 Eu, que, zelando às armas Grêgas a honra,  
 Austero conselheiro, urgi-te ao pranto;  
 Eu venho, pois que o Cêo quiz applacar-se,  
 Os sustos reparar, que te hei causado.

*Clytem.* Minha filha! Ah, Senhor! Cêos! Stou sem tino!  
 Príncipe, que milagre, ou Deus m' a torna?

*Ulys.* Vês-me a mim mêsmo, neste fausto instante,  
 Cheio de sacro horror, cheio de gôsto.  
 Nunca tão mortal dia ameaçou Grécia.  
 Já possuindo a Discórdia o campo inteiro,  
 Tinha a tôdos fatal vendado os olhos.  
 Co' a scena horrivel tua filha ansiada  
 Por ella Achilles vio, contra ella o exêrcito.

Mas , mêsmo sò por ella , o irôso Achilles  
 Atterra o exêrcito , e reparte os Deuses.  
 Já sobe aos ares nuvem de remessos ;  
 Já corre o sangue , e lavra a mortandade.  
 Eis que , que entre os dois partidos chêga Calchas ,  
 Igneo o olhar , turvo o rosto , hirtio o cabêllo ,  
 Cheio do Deus , que , certo , hõrrido o agita :  
 Achilles = diz = Vòs , Grêgos , dai-me ouvidos.  
 O Deus , que em minha voz ouvis fallar-vos ,  
 Me expplica o orac'lo seu , e a sua escõlha.  
 Outro sangue de Helena , outra Iphigènia  
 Deixar a vida aqui deve immolada.  
 Com Helena Theseo tático unido  
 O hymeneo succeder fez della ao roubo.  
 Houve uma filha ; a mãi soube occultal-a :  
 Dado lhe foi o nome de Iphigènia.  
 Fructo êste eu entáo vi de seus amôres ;  
 Aos dias lhe ameacei porvir sinistro.  
 Com falso nome seu destino adverso ,  
 E seu pròprio furor aqui a trazem.  
 Ella me vê , me escuta , e vòs a vêdes ;  
 E' ella mêsmo em fim que os Cêos demandão.  
 Assim Calchas fallou. O campo immovel  
 O ouve com gráo pavor , e observa Eriphile.  
 Ella estava no altar ; e talvez na alma  
 Accusava de tardo o atro supplicio.  
 Mêsmo ella hà pouco em sùbita carreira  
 Viera annunciar aos Grêgos vossa fuga.  
 Seu fado , e prole tático se admira.  
 Mas , pois que de tal morte o prêmio è Tròia ,  
 Contra ella o exêrcito em voz alta clama ,  
 E a sentença fatal ordena a Calchas.  
 Já vai lançar-lhe a mão Calchas austero :  
 Para = diz ella = a mim não te approximes.  
 O sangue dêsse herde , que meu ser dizes ,  
 Vai-se esgotar sem tuas mãos profanas. =  
 Furiosa vò ; e da ara allì visinha  
 Tòma o sagrado ferro , e em si o encrava.  
 Apenas corre o sangue , e tinge a terra ,  
 Os Cêos bem sòbre o altar trovão desatão.  
 Os ventos silvão no ar em fausto agoiro ;

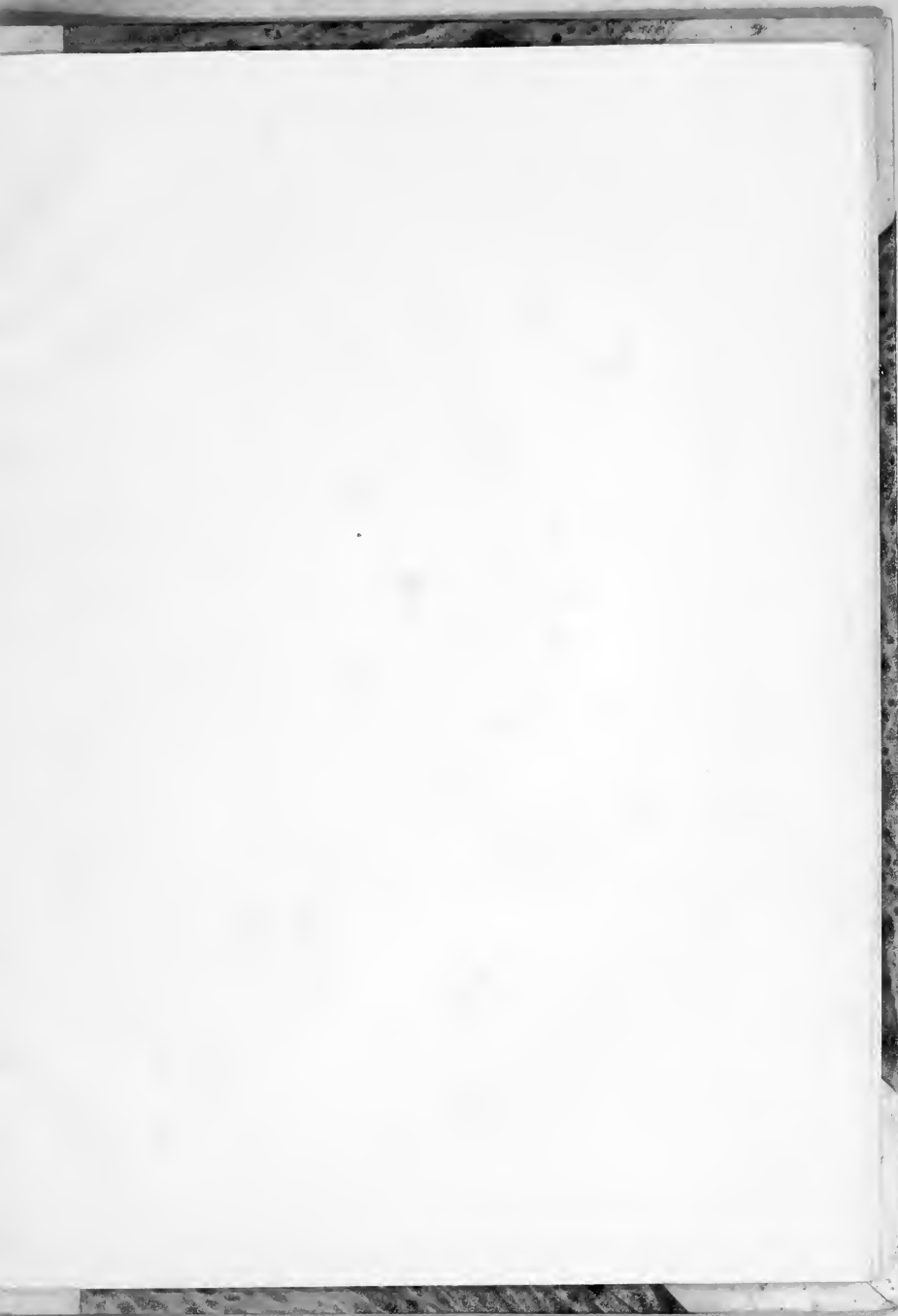


E as vagas remugindo lhes respondem:  
 A praia gême ao longe alva de espuma,  
 E sôbre a pyra luz flamma espontanea.  
 Relampeião os Cêos, abrem-se, e lançaão  
 Entre nòs sancto horror, que nos socega.  
 Attônito o soldado diz que Diana  
 Descêra em huma nuvem thê a pyra,  
 E crê que, erguendo-se envolvida em flammaz,  
 Nossos votos, e incenso aos Cêos levava.  
 Tôdos exultão. Unica Iphigêua  
 Em tal gôso commum chora a inimiga.  
 Dos braços de seu pai vem recebel-a.  
 Vem. Ardendo por ver-te Achilles, e êlle,  
 Senhora, dêsde agora em mûtuo accôrdo,  
 Vão confirmar sua alliança augusta.  
*Clytem.* Qual prêmio dar, oh Cêo, a Achilles posso,  
 É qual incenso a ti por graças tantas!

Fim da Tragédia.

72-123  
Maggs.  
3.1.72

EB16  
B1211





2/24/82  
L/51

